

# vida pastoral

maio-junho de 2026 • ano 67 • número 369



## REFLEXÕES PASTORAIS

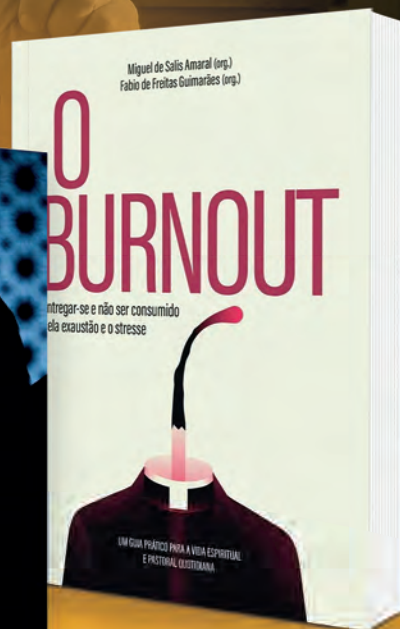
Um olhar sobre o Censo 2022,  
a missão e a fé da Igreja

# CUIDAR DO PASTOR É CUIDAR DO REBANHO

Nestes dois livros, encontramos uma resposta urgente  
ao clamor silencioso de tantos sacerdotes

**O BURNOUT** nos ajuda a  
compreender como viver  
a entrega pastoral sem  
perder a própria alma.

**CURA-TE A TI MESMO**  
revela a beleza e a  
necessidade de cuidar  
da saúde física,  
emocional e espiritual  
de nossos padres.



loja.paulus.com.br  
(11) 3789-4000 | 0800 016 40 11  
vendas@paulus.com.br  
f @editorapaulus



**COMPRE  
AGORA**

# Prezadas irmãs, prezados irmãos, graça e paz!

vida  
pastoral

O vasto mosaico da fé no Brasil passa por uma transformação intensa. Nesta edição de *Vida Pastoral*, acolhemos os dados do Censo 2022 sob uma perspectiva religiosa, não como mera estatística fria ou uma planilha de perdas e ganhos, mas como material precioso para uma reflexão teológica à luz da fé. Como nos ensina o Concílio Vaticano II na *Gaudium et Spes*, temos o dever permanente de “ler e interpretar os sinais dos tempos”. Esse exercício é fundamental para desenvolvermos um agir pastoral capaz de tocar o coração das pessoas e responder, com profetismo, às angústias da contemporaneidade.

Para iniciar essa leitura, a análise do Prof. Robson Sávio revela que a transição religiosa no Brasil não é um fenômeno isolado ou puramente demográfico. Ela funciona como um espelho que reflete e, simultaneamente, impulsiona transformações sociais, culturais e políticas abrangentes. Seu estudo detalha a complexidade dessa transição, mostrando o impacto direto nos modos de vida, nas novas configurações das relações comunitárias e na crescente fragilidade dos laços de confiança que antes sustentavam o tecido social. Sávio alerta que a mudança de pertença religiosa está intrinsecamente ligada à busca por sentido em um mundo fragmentado.

Em seguida, o Pe. Eliseu Wisniewski aplica essas informações diretamente ao serviço pastoral, desafiando-nos a ler os dados estatísticos como sinais vivos que interpelam a Igreja. O autor questiona: o que a nova dinâmica da sociedade brasileira exige da Igreja, Povo de Deus? Para onde o Espírito Santo nos impele a proclamar a alegria do Evangelho hoje? Wisniewski recorda que a pastoral não pode ser estática ou repetitiva; deve ser itinerante, “em saída” e sensível às mudanças de época, buscando sempre novas linguagens e métodos para comunicar a eterna Verdade de Jesus Cristo às novas gerações.

A missão, contudo, é muito mais do que uma resposta estratégica aos números ou um plano

de *marketing* religioso para conter a evasão de fiéis. Ela exige um firme alicerce em nossa vida espiritual. É com a base sólida da fé, entendida como dom, que a Igreja se abre para dialogar com o tempo presente e seus complexos desafios. Por isso, o artigo de Maycon Mazzaro sobre a carta de São Tiago torna-se tão iluminador: ele nos lembra que a verdadeira fé não é algo meramente teórico ou uma abstração doutrinária. São Tiago adverte com firmeza que, se a fé não se traduz em justiça, solidariedade e caridade, ela está morta em si mesma. Nossa ação concreta junto aos vulneráveis e esquecidos é o testemunho vivo de Jesus em nós.

Para que essa ação seja firme, inteligente e enraizada, precisamos beber da sabedoria acumulada da Igreja. É o que o Prof. Venício Lima oferece ao resgatar o legado de São João Henry Newman (1801-1990), o 38º Doutor da Igreja. Newman ensina que, para sermos fiéis, precisamos viver a fé com profundidade e humildade, buscando na Tradição a luz para dialogar com as dúvidas, as ciências e as crises do nosso tempo, sem jamais perder o horizonte da verdade.

Que as luzes do Espírito Santo iluminem nossa mente e nosso coração. Que a Palavra de Deus seja a bússola segura a guiar nosso agir pastoral nestes tempos desafiadores, tendo Jesus Cristo como modelo de ação missionária compassiva, acolhedora e misericordiosa. Assim, participaremos do corpo de Cristo na terra, como uma comunidade unida e solidária, capaz de “dar razão da nossa esperança” (1Pd 3,15).

Para além dos dados e do diagnóstico, é urgente traduzir o conhecimento em um agir pastoral sensível, inteligente e eficaz, que garanta a fidelidade da nossa missão.

Boa leitura!

*Pe. Antonio Iraildo Alves de Brito, ssp*

Editor

# vida pastoral

Revista bimestral para ministros  
ordenados e agentes de pastoral

Ano 67 • Nº 369  
maio - junho de 2026



© PAULUS – 2026  
Pia Sociedade de São Paulo  
Rua Francisco Cruz, 199  
04117-091 – São Paulo - SP  
paulus.com.br  
ISSN – 0507-7184

#### Direção editorial

Pe. Jakson Ferreira de Alencar, ssp

#### Editor

Pe. Antonio Iraldo Alves de Brito, ssp

#### Redação

vidapastoral@paulus.com.br

#### Conselho editorial

Pe. Antonio Iraldo Alves de Brito, ssp

Pe. Darci Luiz Marin, ssp

Pe. Jakson Ferreira de Alencar, ssp

Pe. Paulo Sérgio Bazaglia, ssp

#### Imagens

Romolo Picoli Ronchetti

#### Diagramação

Andrea Cristina Florez Marin

#### Revisão

Alexandre Santana

André Tadashi Odashima

Lucas Giron

Carlos Antônio S. Maia

#### Impressão - PAULUS

#### Versão digital

vidapastoral.com.br



Periódico de divulgação científica.

#### Área:

Humanidades e artes.

Curso: Teologia.

## SUMÁRIO

### BREVE OLHAR SOBRE O CENSO RELIGIOSO DE 2022

Prof. Dr. Robson Sávio Reis Souza ..... 4

### ENTRE DADOS E A PASTORAL: LIÇÕES DO CENSO 2022

Pe. Me. Eliseu Wisniewski ..... 12

### A FÉ QUE PROMOVE MUDANÇAS: A COMPREENSÃO DA JUSTIFICAÇÃO PELAS OBRAS, SEGUNDO A CARTA DE TIAGO

Maycon D. Mazzaro ..... 24

### JOHN H. NEWMAN, O 38º DOUTOR DA IGREJA

Prof. Dr. Venício A. de Lima ..... 32

### ROTEIROS HOMILÉTICOS

Pe. Gustavo César dos Santos

Pe. Dr. Junior Vasconcelos do Amaral ..... 38

## NOVIDADE!



Folhetos  
Especiais para  
as celebrações  
da Iniciação  
à Vida Cristã.



Adquira  
já

## FAÇA SUA ASSINATURA DA REVISTA VIDA PASTORAL



Aponte a  
câmera do  
seu celular e  
saiba mais!

Para mais informações, entre em contato:

paulus.com.br/loja

☎ (11) 3789-4000 | 0800 016 40 11

☎ (11) 3789-4000

✉ assinaturas@paulus.com.br

📱 @editorapaulus

## Livrarias Paulus

### APARECIDA – SP

Centro de Apoio aos Romeiros  
Lojas 44, 45, 78, 79  
(12) 3104-1145  
aparecida@paulus.com.br

### ARACAJU – SE

Rua Laranjeiras, 319  
(79) 3211-2927  
aracaju@paulus.com.br

### BELÉM – PA

Rua 28 de Setembro, 61 – Campina  
(91) 3212-1195  
belem@paulus.com.br

### BELO HORIZONTE – MG

Rua da Bahia, 1136 – Ed. Arcângelo Maletta  
(31) 3274-3299  
bh@paulus.com.br

### BOA VISTA – RR

Avenida Ville Roy, 5011 – sala 01 – Centro  
(95) 3212-5340 / 98122-0040  
boavista@paulus.com.br

### BRASÍLIA – DF

SCS – Q.1 – Bloco I  
Edifício Central – Loja 15 – Asa Sul  
(61) 3225-9847  
brasil@paulus.com.br

### CAMPINA GRANDE – PB

Rua Afonso Campos, 233 – Centro  
(83) 3182-0659 / 99956-0020  
campinagrande@paulus.com.br

### CAMPINAS – SP

Rua Barão de Jaguara, 1163  
(19) 3231-5866  
campinas@paulus.com.br

### CAMPO GRANDE – MS

Av. Calógeras, 2405 – Centro  
(67) 3382-3251  
campogrande@paulus.com.br

### CAXIAS DO SUL – RS

Av. Júlio de Castilhos, 2029  
(54) 3221-8266  
caxias@paulus.com.br

### COTIA – RAPOSO TAVARES

Av. das Acácias, 58 – Jd. da Glória  
(11) 3789-4005  
raposotavares@paulus.com.br

### CUIABÁ – MT

Rua Antônio Maria Coelho, 180  
(65) 3623-0207  
cuiaba@paulus.com.br

### CURITIBA – PR

Pça. Rui Barbosa, 599 – Centro  
(41) 3223-6652  
curitiba@paulus.com.br

### FLORIANÓPOLIS – SC

Rua Jerônimo Coelho, 119 – Centro  
(48) 3223-6567  
florianopolis@paulus.com.br

### FORTALEZA – CE

Rua Floriano Peixoto, 523 – Centro  
(85) 3252-4201  
fortaleza@paulus.com.br

### GOIÂNIA – GO

Rua Seis, 201 – Centro  
(62) 3223-6860  
goiania@paulus.com.br

### GUARAPUAVA – PR

Rua XV de Novembro, 7466 – Lj. 1  
(42) 9926-0224  
guarapuava@paulus.com.br

### JOÃO PESSOA – PB

Rua Peregrino de  
Carvalho, 134 – Centro  
(83) 3221-5108  
joaopessoa@paulus.com.br

### JUIZ DE FORA – MG

Av. Barão do Rio Branco, 2590  
(32) 3215-2160  
juizdefora@paulus.com.br

### MACEIÓ – AL

Rua Barão de Alagoas, 32 – Centro  
(82) 3142-0544  
maceio@paulus.com.br

### MANAUS – AM

Rua Itamaracá, 21 – Centro  
(92) 3622-7110  
manaus@paulus.com.br

### NATAL – RN

Rua Cel. Cascudo, 333  
Cidade Alta – (84) 3211-7514  
natal@paulus.com.br

### PORTO ALEGRE – RS

Rua Dr. José Montauray, 155  
Centro – (51) 3227-7313  
portoalegre@paulus.com.br

### RECIFE – PE

Rua Camboa do Carmo, 83  
(81) 3224-9637  
recife@paulus.com.br

### RIBEIRÃO PRETO – SP

Rua São Sebastião, 621  
(16) 3610-9203  
ribeiraopreto@paulus.com.br

### RIO DE JANEIRO – RJ

Rua México, 111–B  
(21) 2240-1303  
riodejaneiro@paulus.com.br

### SALVADOR – BA

Rua Direita da Piedade, 75 – Barris  
(71) 3321-4446  
salvador@paulus.com.br

### SANTO ANDRÉ – SP

Rua Campos Sales, 255  
(11) 4992-0623  
stoandre@paulus.com.br

### SÃO JOSÉ DO RIO PRETO – SP

Rua XV de Novembro, 2826  
(17) 3233-5188  
riopreto@paulus.com.br

### SÃO LUÍS – MA

Rua do Passeio, 229 – Centro  
(98) 3231-2665  
saoluis@paulus.com.br

### SÃO PAULO – PRAÇA DA SÉ

Praça da Sé, 180  
(11) 3105-0030  
pracase@paulus.com.br

### SÃO PAULO – VILA MARIANA

Rua Dr. Pinto Ferraz, 207  
Metró Vila Mariana  
(11) 5549-1582  
vilamariana@paulus.com.br

### SOROCABA – SP

Rua Cesário Mota, 72 – Centro  
(15) 3442-4300 / 3442-3008  
sorocaba@paulus.com.br

### TERESINA – PI

Rua Rui Barbosa, 45 – Centro  
(86) 3142-1295 / 99935-0001  
teresina@paulus.com.br

### UBERLÂNDIA – MG

Av. Cesário Alvim, 757 – Loja 1 – Centro  
(34) 2512-4358  
uberlandia@paulus.com.br

### VITÓRIA – ES

Rua Duque de Caxias, 121  
(27) 3323-0116  
vitoria@paulus.com.br

Prof. Dr. Robson Sávio Reis Souza\*



# BREVE OLHAR SOBRE O CENSO RELIGIOSO DE 2022

\*Robson Sávio Reis Souza é licenciado em Filosofia e doutor em Ciências Sociais. Professor da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas) e da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (Faje), é membro do Grupo de Análise de Conjuntura Sociopolítica da CNBB, do Observatório da Comunicação Religiosa e da Comissão Brasileira Justiça e Paz. E-mail: robsonsavio@gmail.com

*A transição religiosa no Brasil não apenas reflete a dinâmica religiosa, mas também abre espaço para pensar sobre as transformações sociais, culturais e políticas que influenciam os modos de vida em nosso país. Este texto busca analisar, com base nos dados do Censo 2022, a complexidade dessa transição religiosa.*

## INTRODUÇÃO

O Brasil tem vivido uma transformação religiosa significativa nas últimas décadas. Em 2010, os católicos representavam 65,1% da população com 10 anos ou mais; em 2022, esse número caiu para 56,7%, uma redução de 8,4 pontos percentuais. Em contrapartida, os evangélicos cresceram de 21,6% para 26,9%, e os sem religião passaram de 7,9% para 9,3%.

Podemos, não obstante, afirmar que o catolicismo brasileiro tem perdido em quantidade, mas ganhado em pluralidade, dado que há uma diversidade interna que precisa ser considerada ao analisar a queda numérica dos católicos. Nosso país, assim como outros países da América Latina, viu emergir várias formas de expressão católica nos últimos cinquenta anos. A Teologia da Libertação, as pastorais sociais, movimentos “carismáticos” e reconfigurações de práticas devocionais ganharam força nas décadas de 1960 e 1970, no contexto pós-Vaticano II, e ajudaram a moldar uma paisagem religiosa em que o catolicismo não é monolítico. Assim, a diminuição no número de católicos pode ser, em parte, atribuída à mudança nas formas de vivenciar a fé, à busca por maior experiência espiritual e à desconexão de certos segmentos da população com a estrutura institucional da Igreja Católica Romana.

Por outro lado, o crescimento do protestantismo evangélico tem sido uma das principais características da transição religiosa no Brasil. É importante ressaltar a heterogeneidade dentro do universo evangélico. Em 1980, os evangélicos representavam cerca de 6% da população; em 2022, esse número subiu para 26,9%.

Tal fenômeno está associado a uma série de fatores, incluindo o fortalecimento das Igrejas pentecostais e neopentecostais, que oferecem um modelo de vivência religiosa altamente experiencial e personalizada. Além disso, a ascensão de líderes evangélicos e a atuação política dessas Igrejas também têm contribuído para a visibilidade e a expansão desse grupo, o que não pode ser ignorado ao analisarmos a transição religiosa no Brasil.

O aumento dos sem religião também merece atenção. Embora esse grupo não represente necessariamente o ateísmo e o agnosticismo, inclui pessoas que rejeitam a filiação institucional, mas podem manter crenças espirituais ou práticas religiosas, até mesmo cristãs. Esse fenômeno está ligado à secularização, à crítica às instituições religiosas e à valorização da autonomia do indivíduo na contemporaneidade.

### 1. Uma análise dos dados do Censo Demográfico 2022

A religiosidade brasileira tem sido historicamente marcada pela predominância do catolicismo, herança da colonização portuguesa e da forte presença da Igreja Católica na sociedade. Com base nos dados divulgados pelo IBGE, referentes à pergunta sobre religião feita à população com 10 anos ou mais, é possível identificar tendências e variações do pertencimento religioso ao longo do tempo.

A análise quantitativa, embora reveladora, não é suficiente para compreender a complexidade da transição religiosa, que deve ser entendida à luz de fatores históricos, sociais e culturais. Desde os anos 1970, observa-se uma erosão da hegemonia católica, impulsionada



por mudanças urbanas, migrações internas, crescimento das mídias religiosas e atuação proselitista de algumas poderosas Igrejas evangélicas.

A transição religiosa não pode ser explicada apenas por questões religiosas ou espirituais, pois está profundamente entrelaçada com mudanças que alteraram os valores, as práticas e as identidades religiosas no Brasil.

### 1.1. Fatores sociais

A secularização, um dos fatores sociais mais discutidos na literatura sobre a transição religiosa, tem sido elemento central na mudança do perfil religioso brasileiro. Esse processo tem sido acelerado por uma série de fatores sociais, incluindo o aumento da urbanização, a ampliação do acesso à educação e a crescente pluralidade religiosa (Vargas, 2015; Santos, 2017).

A migração do campo para as cidades gerou novas dinâmicas sociais e culturais. Nas periferias urbanas, Igrejas evangélicas pentecostais encontraram espaço para expansão, oferecendo redes de apoio, identidade comunitária e respostas práticas às dificuldades cotidianas.

A mobilidade geográfica e social, ou seja, o deslocamento populacional para novas fronteiras agrícolas e urbanas, criou espaços de baixa institucionalização religiosa, onde Igrejas evangélicas se estabeleceram com facilidade.

### 1.2. Fatores políticos

A Constituição de 1988 garantiu liberdade de culto e favoreceu a pluralização religiosa. Igrejas evangélicas passaram a atuar mais abertamente na esfera pública e política. A criação de um bloco evangélico no Congresso Nacional e, com o passar do tempo, nas assembleias legislativas e câmaras de vereadores, com a formação de uma “bancada evangélica”, e a crescente atuação de líderes religiosos na

política brasileira, como o apoio a candidatos conservadores e reacionários, demonstram como a religião tem se entrelaçado com os movimentos políticos no Brasil.

Ao mesmo tempo, a Igreja Católica viu sua hegemonia enfraquecer, em parte devido à sua postura, algumas vezes, distanciada das questões políticas e sociais que vinham dominando a agenda pública. Esse afastamento entre a Igreja Católica e os setores mais progressistas da sociedade brasileira contribuiu para a desconexão com parte da população, especialmente nas áreas urbanas.

### 1.3. Fatores econômicos

A ascensão de novas classes sociais tem levado a uma mudança nos padrões de religiosidade, com novas demandas por serviços religiosos que combinem entretenimento, pertencimento social e promoção de qualidade de vida.

As Igrejas evangélicas, principalmente as neopentecostais, souberam se adaptar a esse novo cenário, oferecendo não apenas um espaço de culto, mas também um conjunto de práticas e serviços que atendem às necessidades materiais e espirituais de seus membros, como escolas, clínicas de saúde e programas de apoio psicológico. Essa adaptação ao contexto econômico, com forte presença nas periferias urbanas, é um dos fatores que explicam o crescimento dessas Igrejas entre as populações de classes baixas e médias.

Além disso, o uso de rádios, canais de TV e plataformas de redes sociais é exemplo de como as Igrejas evangélicas se tornaram empresas religiosas capazes de adaptar seu discurso às exigências de um público cada vez mais exigente e diversificado.

A expansão do setor de serviços e a informalidade, com a precarização do trabalho e o crescimento da economia informal, criaram

ambientes propícios para Igrejas que oferecem suporte emocional, financeiro e comunitário.

#### 1.4. Fatores demográficos

O crescimento populacional e a mudança nas estruturas familiares contribuíram para a mudança de padrões religiosos. A vida urbana tende a ser mais secularizada e individualista, e nela a maior diversidade religiosa é mais visível.

Além disso, a redução da taxa de natalidade e o envelhecimento da população brasileira também impactaram o cenário religioso. O declínio no número de filhos por família e o envelhecimento da população afetaram as práticas religiosas tradicionais, como o catolicismo, que historicamente teve forte base em comunidades familiares. Já o protestantismo evangélico, por sua vez, tem atraído uma população jovem e ativa, o que pode explicar, em parte, seu crescimento.

Ademais, as mudanças nas estruturas etária e educacional, com o aumento da escolarização e o acesso à informação, favoreceram o questionamento de dogmas religiosos e a busca por espiritualidades alternativas.

#### 2. Os “católicos não praticantes” e os sem religião

É fato que o catolicismo ainda mantém forte presença cultural e identitária no país. Porém, um dos desafios centrais para a análise religiosa é a existência de amplo grupo de católicos não praticantes, cujas identidades religiosas nem sempre se manifestam por meio da participação regular em cultos, sacramentos ou práticas institucionais. Esses indivíduos mantêm uma

“*Nosso país, assim como outros países da América Latina, viu emergir várias formas de expressão católica nos últimos cinquenta anos.*”

## POLIEDRO E AMIZADE SOCIAL

CONTRIBUIÇÕES DO PAPA FRANCISCO À DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA

Miguel Ángel Barrios



O papa Francisco nos demonstrou autenticidade e compromisso enraizados na fé, apresentando-nos caminhos para viver em paz e colocar a pessoa como princípio, centro e fim da vida em comunidade, de modo a promover a amizade social em uma sociedade estruturada como um poliedro.



**ADQUIRA  
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000  
0800 016 40 11

[loja.paulus.com.br](http://loja.paulus.com.br)



identificação cultural e simbólica com o catolicismo, mas a prática efetiva da religião é esporádica ou inexistente.

Segundo Perea (2015), o catolicismo no Brasil incorpora uma dimensão de pertencimento que transcende a mera participação litúrgica, refletindo uma religiosidade que pode ser simbólica, afetiva e ritualística de maneira não institucionalizada. Assim, os católicos não praticantes representam um universo que desafia a interpretação simplista dos dados censitários que indicam apenas filiação religiosa, pois a frequência aos cultos e o engajamento religioso são variáveis independentes da autoidentificação.

Por outro lado, o grupo dos “sem religião”, embora tenha aumentado modestamente, representa uma tendência global de secularização e pluralização religiosa. Esse aumento reflete uma tendência crescente de individualização da fé, particularmente entre os jovens e nas grandes cidades, onde o acesso à educação e a

novos modelos de pensamento tem desafiado as tradições religiosas.

Esses dois fenômenos – os “católicos não praticantes” e os “sem religião” – revelam que a religiosidade brasileira está se tornando mais fluida, subjetiva e desinstitucionalizada. A identificação religiosa não se dá apenas por adesão doutrinária, mas por vínculos afetivos, culturais e existenciais. O Censo 2022, ao captar essas tendências, convida-nos a repensar os modelos de análise religiosa para além da quantidade, incorporando as dimensões qualitativas e interpretativas.

### 3. Uma religiosidade fluida

Entende-se por “religiosidade fluida” a forma de vivência religiosa marcada pela autonomia individual, trânsito entre crenças e afastamento das instituições religiosas tradicionais. Reflete uma espiritualidade flexível, personalizada e, muitas vezes, desvinculada de dogmas ou filiações formais.

No Brasil, esse fenômeno é visível no crescimento dos “sem religião”, dos desigrejados e dos praticantes de espiritualidades alternativas.

As principais características desse tipo de religiosidade são:

a) Autonomia espiritual: o indivíduo escolhe livremente suas crenças, práticas e valores, sem depender de autoridades religiosas;

b) Trânsito entre tradições: há circulação entre diferentes religiões, como alguém que frequenta cultos evangélicos, mas também pratica meditação ou acredita em reencarnação;

“ *O crescimento do protestantismo evangélico tem sido uma das principais características da transição religiosa no Brasil.* ”

c) Desinstitucionalização: rejeição ou afastamento das estruturas formais (Igrejas, dogmas, hierarquias), mesmo mantendo crenças religiosas;

d) Sincretismo e personalização: combinação de elementos de várias tradições religiosas em uma espiritualidade própria.

Essa fluidez é especialmente comum entre jovens urbanos, pessoas com maior escolaridade e indivíduos que passaram por experiências negativas com instituições religiosas. Ela também se manifesta em práticas como ioga, astrologia, terapias holísticas e espiritualidades ligadas ao bem-estar.

#### 4. O crescimento do fundamentalismo cristão

Num cenário de intensa transição religiosa, é importante analisar o crescimento de grupos cristãos fundamentalistas como parte de um processo de reconfiguração religiosa, marcado pela desinstitucionalização, mercantilização da fé e instrumentalização política, que desafia os valores éticos do cristianismo.

Embora cerca de 80% dos brasileiros se declarem cristãos, os dados do Censo 2022 e estudos qualitativos revelam que essa identidade cristã abriga uma diversidade profunda – incluindo segmentos que reinterpretem a fé de forma individualista, mercantilizada e, em alguns casos, com discursos excludentes ou violentos.

Há uma ascensão de grupos evangélicos com perfil fundamentalista que se articulam com pautas políticas conservadoras e reacionárias, promovem uma leitura literal da Bíblia e rejeitam valores como pluralismo, justiça social e diálogo inter-religioso. No entanto, observa-se, também, a presença desses grupos dentro do catolicismo romano.

Podemos citar como características do cristianismo fundamentalista contemporâneo:

a) Desvinculação da ética cristã tradicional: valores como solidariedade, compaixão, justiça e paz são substituídos por discursos de prosperidade, guerra espiritual e condenação moral.

## DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA

OUTRO MUNDO POSSÍVEL

Altíerez dos Santos / Luiz Alexandre Solano Rossi



A Doutrina Social da Igreja é um conjunto de orientações que partem dos ensinamentos das Sagradas Escrituras e ajudam a tornar o mundo um lugar melhor. Neste livro, os autores tratam dessa riqueza que a Igreja nos oferece, abordando diversos temas.



**ADQUIRA  
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000  
0800 016 40 11

[loja.paulus.com.br](http://loja.paulus.com.br)

b) Individualismo religioso: a fé é vivida como um projeto pessoal de sucesso, cura ou ascensão, com pouca ênfase na coletividade ou no serviço ao próximo.

c) Mercantilização da fé: Igrejas operam como empresas religiosas, com forte apelo ao consumo espiritual, venda de produtos e promessas de bênçãos em troca de contribuições financeiras.

d) Discurso de ódio e exclusão: minorias religiosas, sexuais e culturais são frequentemente alvo de retórica agressiva, em nome de uma “defesa da fé”.

Essas práticas contrastam com tradições cristãs que, historicamente, se alinham com movimentos de justiça social, solidariedade e cultura da paz, tanto no catolicismo como nas Igrejas evangélicas históricas.

Alguns fatores que podem explicar esse fenômeno do recrudescimento do fundamentalismo cristão são: a insegurança social

e econômica, dado que, em contextos de crise, discursos religiosos que oferecem respostas simples e promessas de proteção divina ganham força; a radicalização de grupos políticos, considerando que o cristianismo fundamentalista se tornou um ator político relevante, mobilizando fiéis em torno de pautas morais e identitárias; o surgimento de líderes carismáticos com discursos radicais e sem controle doutrinário, em virtude da fragmentação institucional e da multiplicação de Igrejas independentes; e a ampliação das mídias religiosas, com o uso intensivo de redes digitais que permitem a disseminação rápida de mensagens polarizadas e emocionalmente apelativas.

## CONCLUSÃO: A COMPLEXIDADE DA TRANSIÇÃO RELIGIOSA NO BRASIL

A diversidade religiosa brasileira manifesta-se em uma rica multiplicidade de crenças que refletem a formação histórica e cultural do país. Além do cristianismo, convivemos com religiões de matriz africana, o espiritismo kardecista, o islamismo, o judaísmo, o budismo, o hinduísmo e outras tradições orientais trazidas por imigrantes, incluindo novas espiritualidades e movimentos sincréticos que integram elementos de diferentes crenças.

Do ponto de vista pastoral, a transição religiosa no Brasil não pode ser reduzida a simples troca de uma religião por outra. A queda no número de católicos e o crescimento de evangélicos e de pessoas sem religião refletem mudanças mais amplas na sociedade brasileira, que envolvem questões de classe social, educação, urbanização, políticas públicas e mudanças culturais mais globais. Além disso, há uma complexidade interna dentro do catolicismo e do protestantismo, o que exige uma análise mais cuidadosa e detalhada dos dados para entender as diferentes formas de religiosidade coexistentes no Brasil.

Outro ponto relevante é que o Censo 2022 reflete uma realidade em constante



transformação. O dinamismo da religiosidade brasileira, com seu fluxo contínuo de conversões, mudanças de denominação e o crescimento das novas expressões de fé, exige uma abordagem mais flexível e pluralista para a compreensão da religião no Brasil. A transição religiosa no país, longe de ser um processo linear, está permeada por múltiplas narrativas e experiências que, ao se entrelaçarem, moldam a paisagem religiosa brasileira de forma única.

Portanto, os números do censo não capturam a totalidade da complexa transição religiosa. A diversidade interna, tanto do catolicismo quanto do protestantismo, e a multiplicidade de experiências de religiosidades no Brasil indicam que a compreensão da mudança religiosa deve ir além da estatística bruta, envolvendo uma análise mais profunda das dinâmicas sociais, culturais e políticas que influenciam a religiosidade. **vp**

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERGER, P. L. *O futuro da religião: como a modernidade desafia a fé*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- CAMPOS, B. M. Evangélicos fundamentalistas e política: uma análise da conjuntura brasileira (2018-2019). *Horizonte: Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião*, Belo Horizonte, v. 18, n. 57, p. 1.162, 2020.
- MARIZ, C. *Religião e política no Brasil: evangelismo e Estado*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- NEGRÃO, L. A religiosidade brasileira: caminhos em meio ao paradoxo. *Unitas: Revista da Universidade Católica de Pernambuco*, Recife, v. 71, n. 2, p. 45-60, 2021.
- PEREA, M. *Catolicismo popular no Brasil: tradição e transformação*. São Paulo: Loyola, 2015.
- RIBEIRO, M. *Catolicismo popular no Brasil: a Igreja e a fé do povo*. São Paulo: Loyola, 2012.
- SANTOS, F. M. *Urbanização e religiosidade no Brasil: o caso das metrópoles*. São Paulo: Global, 2017.
- VARGAS, L. *Secularização e espiritualidade: o crescimento dos sem religião no Brasil*. São Paulo: Ed. Unesp, 2015.

# PASTORAL DA ESCUTA

POR UMA PARÓQUIA EM PERMANENTE ESTADO DE MISSÃO

José Carlos Pereira



Versão E-Book

A obra se coloca dentro do espírito do Documento de Aparecida e das Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil, com a intenção de contribuir no processo de evangelização e para o estado permanente de missão das comunidades paroquiais.



**ADQUIRA JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000  
0800 016 40 11

[loja.paulus.com.br](http://loja.paulus.com.br)

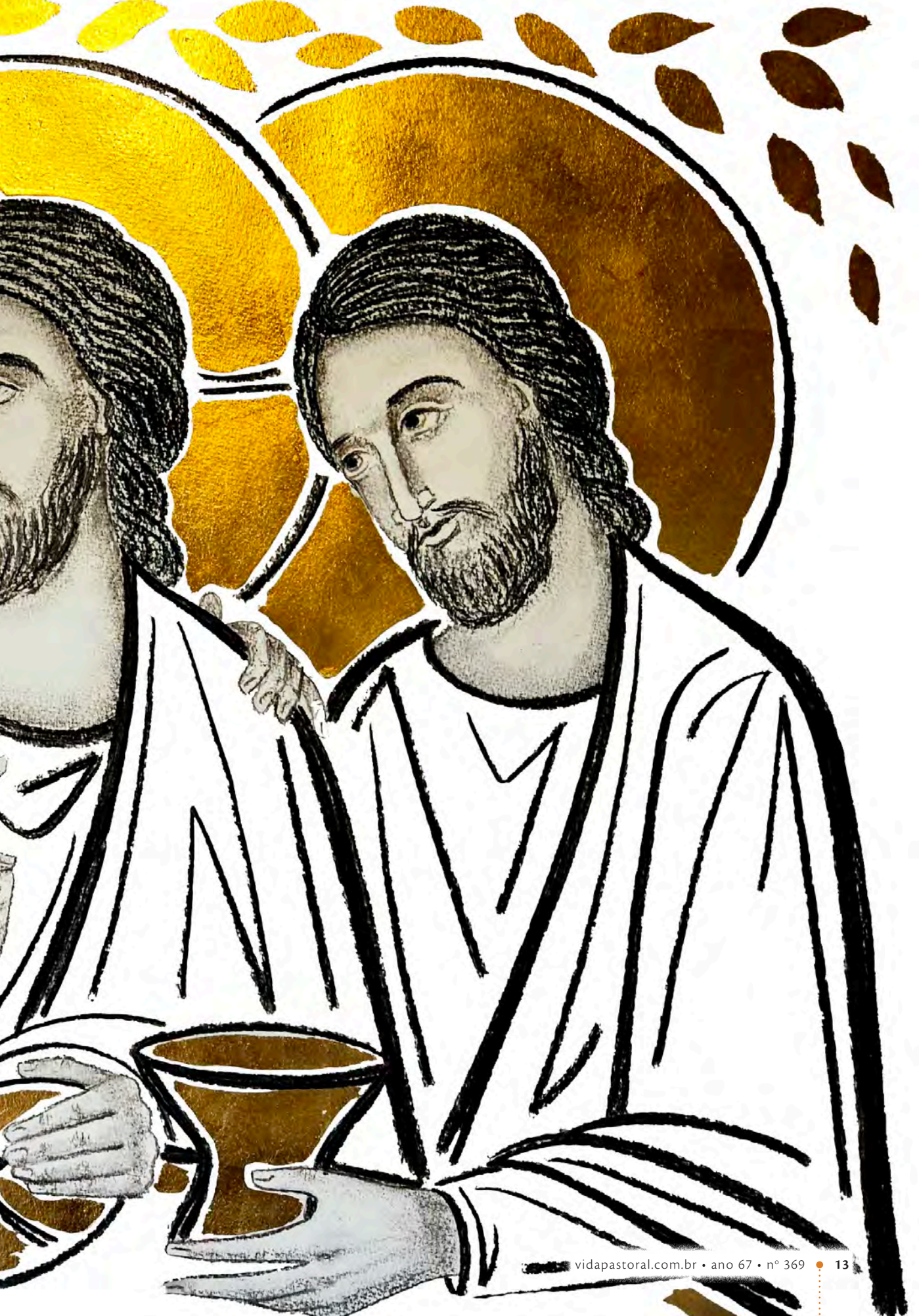


Pe. Me. Eliseu Wisniewski\*

\*Eliseu Wisniewski é presbítero da Congregação da Missão Província do Sul, mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR).  
E-mail: eliseu.vicentino@gmail.com

# ENTRE DADOS E A PASTORAL

## lições do Censo 2022





*O texto analisa as transformações no campo religioso brasileiro, com ênfase nos dados do Censo 2022 e em suas implicações para a atuação pastoral da Igreja Católica.*

Vivemos tempos de crises, de mudanças e de desafios. É indiscutível que o mundo está se transformando a uma velocidade que supera nossa capacidade de acompanhá-lo e entendê-lo. Também é evidente que, para acompanhar essas mudanças, quem recebeu o mandato de anunciar o Evangelho a toda criatura (Mc 16,15) precisa estar atento às transformações que serão exigidas em sua atuação pastoral, para que a mensagem possa manter, pelo menos, um alcance e uma eficácia mínimos. Sabemos que evangelizamos ao enfrentar os diversos desafios que surgem, reconhecendo a realidade ao nosso redor, atentos aos sinais dos tempos, e, com discernimento, mergulhamos nela iluminados pela fé.

As rápidas e contínuas mudanças socioculturais ocorridas nas últimas décadas exerceram intenso impacto sobre a Igreja Católica em nosso país. Já não temos a mesma serenidade de um catolicismo intrínseco à identidade brasileira, presente e ativo nos mais diversos setores de uma sociedade homogênea, com a instituição garantindo uma maioria expressiva de cristãos batizados. A cultura uniforme facilitava a aceitação de doutrinas e referências morais, mesmo quando não eram praticadas.

Naquela época, falar de Igreja equivalia a referir-se à hierarquia, enquanto o laicato era visto como parte passiva; a pastoral limitava-se à conservação por meio dos sacramentos, e a ação missionária propriamente dita era desconhecida. Portanto, aquilo que anteriormente era fornecido de forma única por uma cultura homogênea agora impõe ao indivíduo o dever de escolher. Diante da variedade de fontes de

sentido para a vida, culturais e religiosas, cada pessoa deve exercer sua liberdade e decidir qual caminho seguir.

No Brasil, a fé católica, que por décadas ocupou uma posição hegemônica, enfrenta hoje desafios que não decorrem tanto do ateísmo ou do agnosticismo, mas sim da crescente diversidade religiosa. Esse novo panorama abrange a expansão dos movimentos pentecostais e neopentecostais, a presença de tradições orientais, o surgimento de religiões tipicamente brasileiras e a disseminação de práticas espirituais voltadas à autoajuda e à busca de sentido existencial. Nesse contexto, observa-se uma crise na vivência comunitária e na comunhão de fé, que vêm sendo substituídas por grupos formados com base em afinidades e interesses específicos, muitas vezes marcados por atitudes sectárias, polarizadoras e até hostis em relação aos outros. Cada pessoa ou grupo tende a se fechar em seu próprio conteúdo, mostrando pouca disposição para o diálogo e para o encontro com o diferente.

O Censo Demográfico 2022, ao investigar dados básicos da população brasileira como características dos domicílios e de seus moradores, incluindo sexo, idade, raça/cor, etnia, nível de instrução, emprego e renda, bem como informações sobre migração, religião e a presença de pessoas com deficiência, evidenciou, no que se refere à religião, a consolidação dessas mudanças no perfil religioso do Brasil.

Sabemos que os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), especialmente do Censo Demográfico, são essenciais para a Igreja, pois descrevem o tamanho,

o ritmo de crescimento e as características da população religiosa em cada região do país, permitindo identificar desafios e planejar projetos de evangelização. Neste texto, vamos concentrar nossa análise nos dados de religião do Censo 2022.

Primeiramente, discutiremos a expressão teológica “sinais dos tempos”, que aponta para a necessidade de observar continuamente o mundo e a realidade em que vivemos para, acima de tudo, reconhecer as expressões positivas ou negativas nele presentes e, em seguida, discernir as direções que ele assume, a fim de fazer penetrar nele a força provocadora e renovadora do Evangelho. A partir disso, no segundo momento, apresentaremos qual é o perfil religioso da sociedade brasileira com base nos dados censitários. Por fim, à luz dessas constatações, debateremos as implicações para a ação evangelizadora em um Brasil cada vez mais plural e diversificado.

### 1. Perscrutar os sinais que os tempos revelam e interpretá-los à luz do Evangelho

Para viver e desempenhar sua missão, a Igreja tem o dever permanente de investigar os sinais dos tempos, dando-se conta de que o processo histórico, particularmente a história em curso, tem algo para dizer à fé. Ela é a manifestação de Deus e o lugar da realização da fé. A fé é proclamada e vivida dentro de um contexto histórico específico. Para que possa encarnar-se na história e, assim, transformá-la, a fé precisa, antes, compreender a própria constituição desse núcleo histórico. O que justifica uma leitura de fé sobre a história atual é o fato de que esta vem envolvida na história da salvação. Essa história, que carrega uma significação muito particular, é história de salvação. Por isso, é sempre interpretada, isto é, acompanhada de palavras que revelam seu sentido salvífico. A história humana é a história da salvação, no sentido de que esta é o sentido profundo daquela (Boff, 1979, p. 149-156).

## ABRA A PORTA

CARTILHA DO POVO DE DEUS

Vv. Aa.




Manual para as comunidades de base e para o povo simples, preparado pelas equipes de pastoral das dioceses mineiras de Araçuaí, Divinópolis e Teófilo Otoni. A primeira parte dá uma visão da natureza, da vida e da história; a segunda traz orações e cânticos; a terceira oferece orientações para a vivência da fé.



**ADQUIRA  
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000  
0800 016 40 11

[loja.paulus.com.br](http://loja.paulus.com.br)



A contínua atenção do Evangelho à história e à forma como nos relacionamos com ela gera, teologicamente, o tema dos sinais dos tempos. Essa categoria, que orienta o confronto permanente entre os dados contidos na Palavra e as realidades com as quais a Igreja se depara no tempo e no espaço, é, ao mesmo tempo, antiga e atual. Sua raiz evangélica ressalta a exigência de o cristão vigiar continuamente o mundo em que vive, para compreender primeiro as expressões positivas ou negativas que o cercam; analisando, em seguida, as direções que este assume, a fim de fazer ressoar nele a força transformadora do Evangelho.

O uso da categoria “sinais dos tempos” é muito recente no magistério da Igreja. Após sua presença nos Evangelhos, pela boca de Jesus (Mt 16,1-4; Lc 12,54-56), seu silêncio se faz presente até reaparecer nas reflexões magisteriais do século XIX, sem negar a possibilidade de ter sido utilizada antes sob outros títulos, intenções ou sentidos (Comblin, 2005, p. 527-540). O emprego teológico-pastoral desse conceito revela uma nova percepção histórica da Igreja. Devemos à atuação profética de João XXIII a redescoberta dessa categoria para a vida e para a reflexão teológica da Igreja. O referido papa, no documento de convocação do Concílio Vaticano II, *Humanae Salutis* (25 de dezembro de 1961), afirma de forma textual: “Apropriando-nos da recomendação de Jesus, de saber distinguirmos sinais dos tempos, acreditamos descobrir, em meio a tantas trevas, numerosos sinais que nos infundem esperança sobre os destinos da Igreja e da humanidade”. E não passa despercebida a atenção desse Concílio às condições históricas e socioculturais de então.

Uma contribuição mais significativa do Vaticano II em relação aos ensinamentos anteriores da Igreja está em sua determinação de entender a condição dos homens e mulheres no mundo atual. Essa postura ficou evidente, espe-

cialmente, na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, provocando uma transformação metodológica que refletia uma nova compreensão da Igreja sobre si mesma e uma nova forma de pensar a fé. Em nenhum dos vinte concílios anteriores a Igreja havia imposto a si mesma o desafio de compreender o mundo em que vivemos, com suas esperanças, suas aspirações e seu caráter tantas vezes dramático, e desta forma “mundo e história não são excluídos do território salvífico nem da vontade salvífica de Deus, do qual a Igreja é um sinal visível” (Suess, 2015, p. 895).

Diante disso, segundo Fisichella (1991, p. 59-60), a leitura dos sinais dos tempos exige que a Igreja, em seu ensino, esteja atenta constantemente às variadas situações de vida e às diferentes culturas que moldam as estruturas das sociedades. À medida que o mundo e a história se modificam com avanços do progresso, da tecnologia e de uma comunicação que aproxima povos distantes, o Evangelho precisa ser proclamado e compreendido também nesses contextos, para que todas as pessoas possam alcançar a mensagem da salvação.

À luz dos sinais dos tempos, a Igreja é provocada a cumprir sua função profética, engajando-se na leitura desses sinais e emitindo o juízo de Deus sobre eles. Dentro do âmbito profético que caracteriza a comunidade cristã, o julgamento terá sempre como objetivo a salvação, pois emerge do coração da revelação, que apresenta o Crucificado como o marco definitivo da salvação, sendo a expressão suprema do amor do Pai. Ao proferir esse juízo, a Igreja afasta-se dos vários profetas do infortúnio e reconhece, enfim, a bondade da criação em todas as suas expressões, bem como as conquistas positivas de homens e mulheres quando orientadas para o bem de todos. Consequentemente, ela reintegra cada uma dessas expressões no quadro mais amplo da Palavra

# Liturgia Diária

*Você tem reservado um tempo para escutar Deus? Como você tem alimentado o seu espírito?*



A assinatura da **Liturgia Diária** é o seu compromisso inegociável com a paz. A revista é a ferramenta perfeita para quem busca constância na fé. Simples, profunda e essencial.

- **Pare e respire:** o momento de silêncio que você precisa;
- **Escute:** a Palavra de Deus anunciada e explicada de forma clara;
- **Viva:** aplique os ensinamentos no seu trabalho e na sua família.

**O hábito que muda o seu dia e a sua vida!**



loja.paulus.com.br  
(11) 3789-4000 | 0800 016 40 11  
vendas@paulus.com.br  
f i x @editorapaulus



**Assine e  
receba todo  
mês na sua  
casa!**

# Liturgia Diária das HORAS

*Quer aprofundar sua vida  
de oração além do terço  
e da missa?*



A revista **Liturgia Diária das Horas** traz a oração oficial da Igreja de forma intuitiva e prática. É o subsídio perfeito para sua oração individual ou para iniciar grupos de oração na sua paróquia.

## **O que você encontra na sua assinatura:**

- Comece o dia em diálogo com Deus nas laudes.
- Recolha-se ao final da tarde com as vésperas.
- Encontre descanso interior nas completas.
- Reze com a beleza dos salmos e cânticos que acompanham cada momento do seu cotidiano.

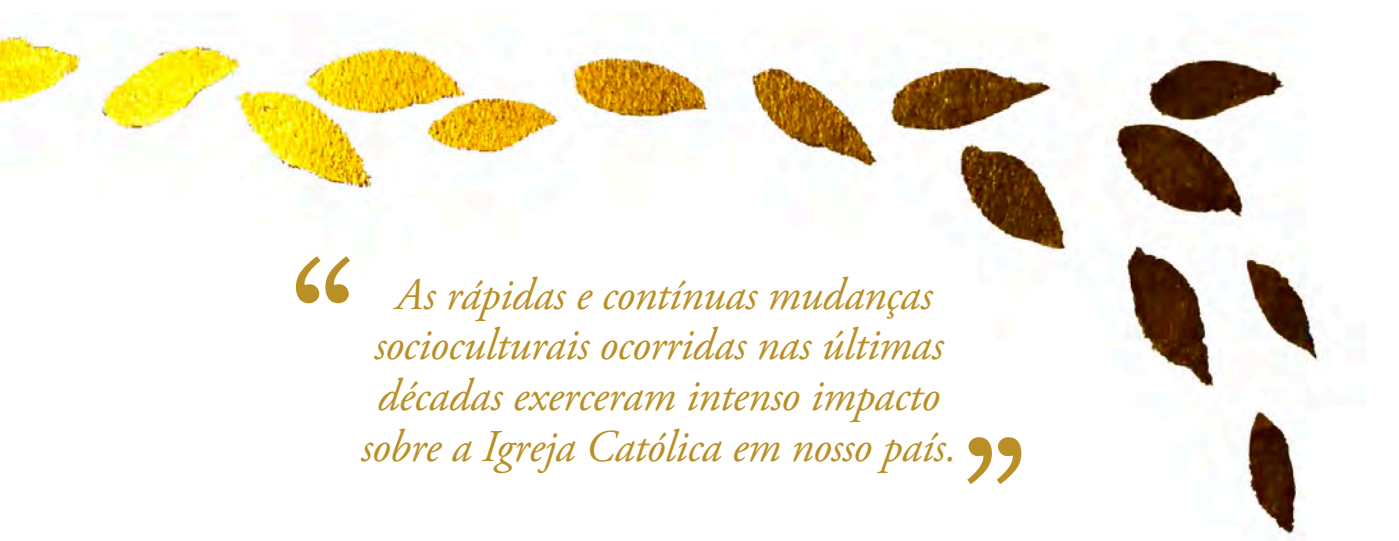
**Não reze sozinho(a). Una sua voz à voz da Igreja.**



loja.paulus.com.br  
(11) 3789-4000 | 0800 016 40 11  
vendas@paulus.com.br  
f i x @editorapaulus



**Garanta  
a sua  
assinatura.**



“ *As rápidas e contínuas mudanças socioculturais ocorridas nas últimas décadas exerceram intenso impacto sobre a Igreja Católica em nosso país.* ”

de Deus, para que possam ser plenamente iluminadas e finalizadas.

O princípio e o método dos sinais dos tempos tornaram-se, de fato, um dado e uma exigência na busca contínua de aprofundar a missão da Igreja no mundo. Eles criaram, tanto na teoria quanto na prática, uma circularidade que busca compreender a fé a partir da realidade e, ao mesmo tempo, entender a realidade a partir da fé. No tempo e no espaço, entram coisas boas e ruins de forma entrelaçada. É preciso discernir, dentro dessa ambiguidade, a presença salvadora e misericordiosa de Deus. O exercício hermenêutico envolve o confronto concreto entre os conteúdos da fé e a realidade ambivalente, o que implica estudo, oração e docilidade, guiados pelas Escrituras e pela sensibilidade à realidade, além da compreensão desta com a ajuda das ciências modernas.


## **2. O mosaico religioso do Brasil: resultados do Censo 2022**

Ao longo de 150 anos de levantamentos censitários sobre religião (1872-2022) no Brasil, foram registradas inúmeras mudanças. Nesse período, o catolicismo apostólico romano, que fora a religião do Império, a religião da grande maioria da população brasileira e a religião oficial do Estado até a Constituição da República de 1891, deixou de manter seu *status* hegemônico, abrindo espaço a diversas outras religiões e se posicionando em um cenário multirreligioso no país.

Ainda que parcialmente e com algum atraso (três anos depois de coletados), os resultados

sobre as religiões do Censo 2022 foram anunciados pelo IBGE em 6 de junho de 2025. Como é de conhecimento, esse censo abrange todo o território nacional, sendo a maior operação estatística do país, realizada a cada dez anos, com a coleta de dados em todas as unidades domiciliares do território brasileiro. Trata-se do instrumento mais objetivo disponível no Brasil para compreender o país, conhecer sua realidade e, no que tange aos dados sobre religião, oferecer uma fonte com o maior grau de objetividade para fundamentar reflexões e ações.

A divulgação do Censo Demográfico 2022 – *Religiões: resultados preliminares da amostra (2025)* – apresenta o perfil religioso da população residente no país, com base nas informações do Questionário da Amostra do Censo Demográfico 2022. O item “Qual é sua religião ou culto?” foi aplicado a todas as pessoas com 10 anos ou mais. Nas terras indígenas e nos setores censitários de agrupamentos indígenas, porém, para melhor capturar as informações desse grupo, o enunciado foi adaptado para: “Qual a sua crença, ritual indígena ou religião?” De acordo com os dados do Censo Demográfico, entre 2010 e 2022 ocorreu uma queda no percentual de católicos apostólicos romanos (de 65,1% para 56,7%) e houve aumentos nos evangélicos (de 21,6% para 26,9%) e na parcela sem religião (de 7,9% para 9,3%), grupo em que a maioria são homens. Entre os católicos, houve uma queda de 8,4 pontos percentuais (p.p.) em comparação com 2010. Por outro lado, a proporção de evangélicos e de pessoas sem



religião no país aumentou, respectivamente, 5,2 p.p. e 1,4 p.p. A religião espírita (1,8%) registrou uma queda de 0,3 p.p. em relação a 2010 (2,2%). Já a umbanda e o candomblé passaram de 0,3% em 2010 para 1,0% em 2022, mirando um aumento de 0,7 p.p. As religiosidades de tradições indígenas representaram 0,1% das declarações.

Em 2022, o catolicismo predominou em todas as grandes regiões do país, com maior presença no Nordeste (63,9%) e no Sul (62,4%). Já os evangélicos estavam mais presentes no Norte (36,8%) e no Centro-Oeste (31,4%). A maior parcela de pessoas que se declararam espíritas estava no Sudeste (2,7%), enquanto umbandistas e candomblecistas tinham maior presença no Sul (1,6%) e no Sudeste (1,4%). O Sudeste também concentrou a maior proporção de indivíduos sem religião (10,5%). Embora os católicos apostólicos romanos fossem maioria em todos os grupos de idade, a proporção desse grupo variou entre 52,0%, na faixa etária de 10 a 14 anos, e 72,0% na faixa etária de 80 anos ou mais.

O catolicismo prevaleceu em todas as categorias de cor ou raça, alcançando 60,2% entre as pessoas brancas. Entre as pessoas de cor ou raça indígena, a maior proporção foi de evangélicos (32,2%). As maiores proporções de espíritas (3,2%), outras religiões (13,6%) e sem religião (16,2%) foram observadas entre pessoas de cor ou raça amarela.

As maiores taxas de analfabetismo entre pessoas de 15 anos ou mais ocorreram entre os indivíduos que se identificaram com tradições indígenas (24,6%) e com o catolicismo (7,8%). Por outro lado, as menores taxas foram observadas entre pessoas que se declararam espíritas (1,0%) e entre os adeptos de umbandismo/candomblé (2,4%). Os espíritas foram os que apresentaram a menor proporção de indivíduos sem instrução e com ensino fundamental

incompleto (11,3%), e o maior percentual de nível superior completo (48,0%).

Fica perceptível que o Brasil atravessa uma fase de transição religiosa, apresentada por quatro tendências: queda do catolicismo, crescimento das adesões evangélicas, ampliação das religiões não cristãs e aumento de indivíduos que se declaram sem religião.

Dentre as novidades do Censo 2022, destaca-se uma queda do catolicismo menos abrupta do que nos censos anteriores. Ainda assim, o catolicismo continua em declínio, agora de 7,9 pontos percentuais em relação ao levantamento anterior. Em 2000, 73,8% se declaravam católicos; em 2010, eram 64,6%; hoje, são 56,7%. Quanto aos evangélicos, o crescimento foi menor do que o previsto por pesquisadores ou pela mídia, que indicavam a possibilidade de os evangélicos ultrapassarem os católicos por volta de 2030. Um detalhe relevante é a presença dos evangélicos entre os mais jovens: os católicos aparecem mais entre os mais velhos, enquanto os evangélicos apresentam um perfil mais jovem, com a maior proporção entre 10 e 14 anos (31,6%) e com diminuição da porcentagem conforme o aumento da idade, chegando a 19% na faixa de quem tem 80 anos ou mais. Esse perfil jovem também é observado entre os sem religião. Observa-se que, com o passar das décadas, vem se fortalecendo o grupo dos chamados sem religião, ou seja, daqueles que, embora mantenham a crença em Deus, optam por não se associar a religiões ou tradições institucionalizadas.

A constatação mais significativa é que o Brasil está se tornando mais plural e diverso do ponto de vista religioso e deverá ampliar essa diversidade nas próximas décadas. Com o avanço dos evangélicos e o crescimento do grupo sem religião, o país tende a vivenciar uma transformação histórica na qual o catolicismo pode deixar de ocupar o papel de

religião majoritária. Esse movimento provoca uma reflexão sobre a importância da fé tanto na vida pessoal quanto na vida social, sobre os desafios da convivência plural e sobre as maneiras atuais de buscar o sentido da existência em uma sociedade cada vez mais complexa e em constante transformação. Diante desse cenário plural, em constante mudança, centrado no sujeito e voltado para o aqui e agora, surge uma questão essencial: como transmitir e viver a experiência cristã nesse contexto multiforme, individualizado, dinâmico, diverso e imanente? Que respostas pastorais são possíveis?

### 3. Indicações pastorais à luz do discernimento da realidade

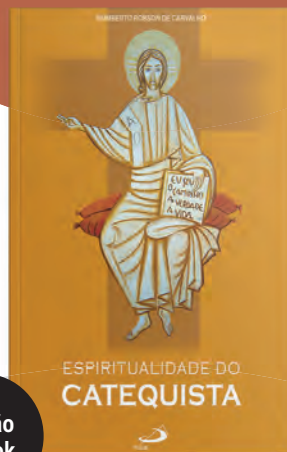
É evidente que o catolicismo no Brasil, assim como as demais tradições religiosas, atravessa um momento crítico. Embora não se trate do primeiro em sua trajetória histórica, o contexto contemporâneo apresenta características e proporções inéditas, que permitem antever transformações significativas em sua configuração. Considerando que o catolicismo constituiu, ao longo do tempo, um dos elementos fundamentais da identidade nacional brasileira, é inevitável que seja afetado pelas mudanças estruturais e culturais que incidem sobre a sociedade, conforme atesta sua própria história.

Em consonância com as análises realizadas pelo Instituto Nacional de Pastoral (Inapaz), das quais extraímos as ideias que apresentamos a seguir e cujas fontes indicamos nas referências bibliográficas, a forma como os brasileiros se relacionam com a religião tem passado por transformações profundas. Essas mudanças estão diretamente ligadas a processos socioculturais de alcance global, embora se manifestem de maneiras distintas em cada contexto.

No caso do Brasil, podemos afirmar que vivemos hoje um momento significativamente diferente daquele que, por séculos, sustentou a prática pastoral e moldou a vivência religiosa no país. Essa diferença pode ser compreendida como o resultado de algumas “passagens”:

## ESPIRITUALIDADE DO CATEQUISTA

Humberto Robson de Carvalho



Versão E-Book

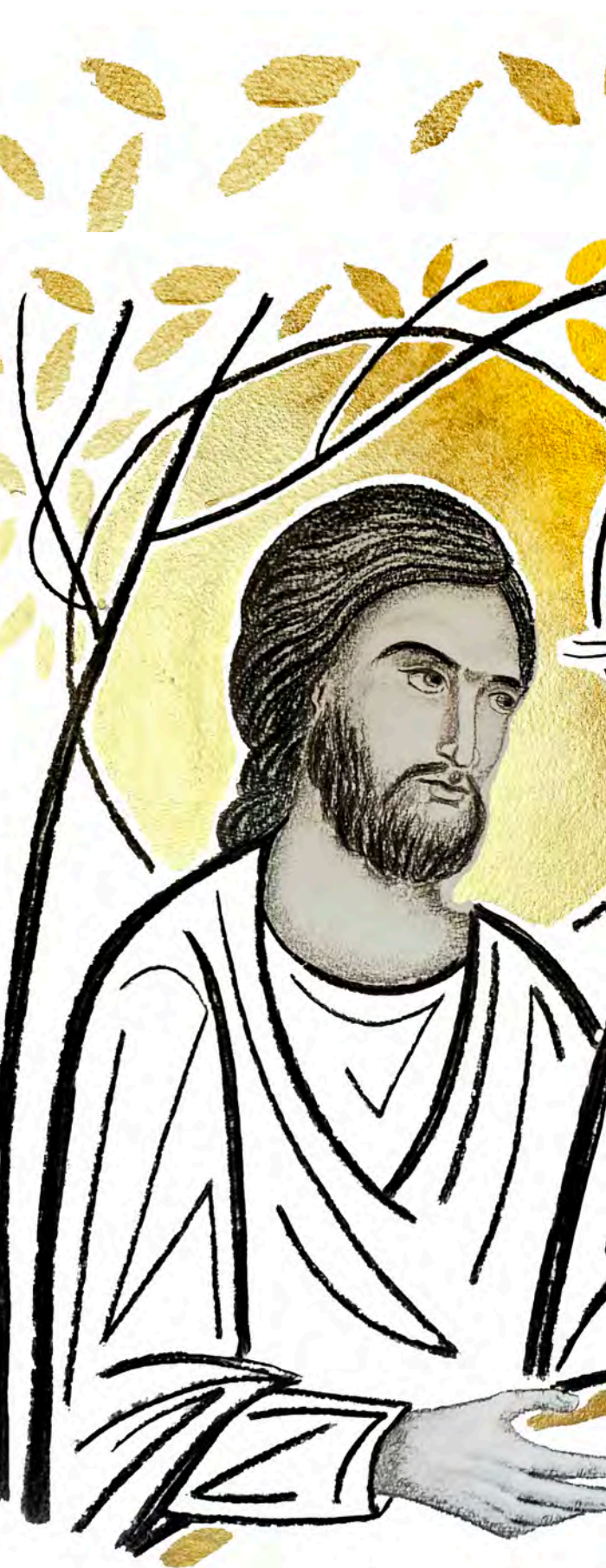
Neste livro, o autor apresenta aos ministros catequistas os grandes temas da vida cristã, de uma forma especial, para o aprofundamento espiritual de sua vida e missão, oferecendo novos pontos de reflexões e novos horizontes para pensar e viver seu ministério a serviço da missão evangelizadora da Igreja no mundo.



**ADQUIRA JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000  
0800 016 40 11

[loja.paulus.com.br](http://loja.paulus.com.br)



aspectos que, em períodos históricos anteriores, eram predominantes cedem agora espaço a novas formas de religiosidade e vivência da fé. Isso não significa o desaparecimento completo desses elementos, mas sim uma diminuição de sua influência. Essa reconfiguração torna a compreensão da realidade mais complexa, pois os elementos tradicionais ainda estão presentes, mas com pesos e significados diferentes na experiência do crer.

Nosso país vive um tempo caracterizado por diversas passagens. Pelo menos cinco delas precisam ser consideradas se quisermos dialogar com a mentalidade contemporânea e anunciar o Evangelho de forma significativa, pois a fé só adquire sentido quando é vivida dentro desse horizonte cultural. Essas passagens são: a da primazia do uno para a valorização do múltiplo; do estático para o dinâmico; da homogeneidade para a diversidade; da autoridade da instituição e da tradição para a centralidade do indivíduo; e do predomínio da transcendência para a urgência da imanência.

Vivemos atualmente um agudo processo de desinstitucionalização da vida em geral e, por consequência, da experiência religiosa. Isso significa que, ao praticarem sua fé e suas crenças, as pessoas tendem a se distanciar das estruturas e das normas impostas pelas grandes instituições, como – em nosso caso – a Igreja Católica. As instituições religiosas, assim, têm visto sua influência sobre os indivíduos e suas escolhas diminuir, enquanto o sujeito se torna o protagonista de sua própria vivência espiritual. Desse modo, é possível afirmar que desinstitucionalização e individuação são dimensões complementares de um mesmo fenômeno.

A gestão da experiência religiosa passa a ser orientada principalmente pelo próprio indivíduo, que, de acordo com seus interesses e critérios pessoais, escolhe os elementos que considera mais significativos. O controle das crenças deixa, assim, de depender de instâncias

externas e institucionais, tornando-se um processo interno e subjetivo, baseado na vivência pessoal. A individuação das crenças diz respeito, portanto, à maneira como cada pessoa constrói suas convicções, valores e visões religiosas de forma autônoma e personalizada, muitas vezes à margem ou em oposição às práticas estabelecidas por tradições específicas. Dessa forma, os indivíduos tendem a reinterpretar e adaptar suas crenças conforme suas próprias experiências, necessidades e percepções. Os conteúdos que passam a ser acolhidos e praticados tornam-se cada vez mais seletivos: de um lado, observa-se uma resistência à aceitação de princípios morais e sociais; de outro, há crescente adesão a propostas religiosas voltadas a aspectos individuais, afetivos e patrimoniais.

No processo de evangelização, é fundamental distinguir a individuação da fé do individualismo. A individuação é um aspecto positivo e necessário, que merece maior atenção e cuidado pastoral. O perigo de uma pastoral predominantemente voltada para as massas é grande, pois pode sufocar a necessidade que cada pessoa tem de encontrar referências concretas e próximas. Já o individualismo, por sua vez, é sempre negativo, especialmente em sua dimensão religiosa. Assim, embora seja importante valorizar o atendimento pessoal, é igualmente essencial garantir que os processos de individuação promovidos pela ação evangelizadora conduzam à vivência comunitária da fé.

É nesse ponto que se deve concentrar nossa preocupação evangelizadora, pois corremos o risco de enfraquecer o sentido originário do cristianismo. Antes de ser uma religião no sentido institucional, o cristianismo se apresenta como uma experiência fundamental de sentido para a existência humana, que supõe acolhimento e adesão. O ponto de partida dessa experiência é o dom, a eleição, o movimento de aproximação ao mistério. Ao ser humano cabe o segundo momento: a resposta. A experiência cristã é, portanto, essencialmente exógena; ela vem de fora e, ao propor aliança, seguimento e discipulado,

# REALMAR A ECONOMIA

A ECONOMIA DE FRANCISCO E CLARA

Eduardo Brasileiro (org.)



Versão E-Book


O capitalismo e, mais especificamente, sua versão mais agressiva, o neoliberalismo, transformaram a convivência entre nós, humanos, numa guerra de todos contra todos. Para nos salvar desse caminho, que tem como único destino possível o sofrimento e nossa extinção definitiva, o papa Francisco nos convida a repensar a forma como cuidamos de nossa casa (*Oikos*), propondo uma economia refundada nos valores do cuidado e do amor: a Economia de Francisco e Clara.



**ADQUIRA JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000  
0800 016 40 11

[loja.paulus.com.br](http://loja.paulus.com.br)



“ *Antes de ser uma religião no sentido institucional, o cristianismo se apresenta como uma experiência fundamental de sentido para a existência humana, que supõe acolhimento e adesão.* ”

desacomoda o sujeito do seu autocentramento e o conduz a uma relação viva com o mistério de Deus e com os outros. Assim, a experiência cristã não se reduz à subjetividade fechada, excludente ou dominante, nem implica a anulação dessa subjetividade. Trata-se, antes, de um encontro, uma relação de comunhão, de unidade na diversidade, de reconhecimento do outro.

A pluralidade do mundo atual convida cada pessoa a reconhecer, na própria vida, que o princípio orientador de sua existência é Jesus Cristo. Por isso, é fundamental insistir, pastoralmente, em processos catequéticos inspirados no modelo catecumenal, nos quais o essencial não é apenas a transmissão de conteúdos doutrinários, mas sobretudo a promoção de verdadeiro encontro com a pessoa e a mensagem de Jesus Cristo. O núcleo da iniciação à vida cristã está na descoberta do amor de Deus e na resposta, livre e consciente, a esse amor. A diminuição do número de católicos observada no censo reflete uma crise nos processos tradicionais de evangelização e transmissão da fé, impulsionando a Igreja a priorizar a iniciação à vida cristã em sua ação pastoral.

Desse modo, a ação evangelizadora, como já destacado, precisa ser pensada de forma a questionar o individualismo sem, contudo, restringir a liberdade pessoal de cada pessoa. Esse equilíbrio se realiza por meio de verdadeira experiência comunitária. Por isso, é fundamental valorizar a configuração eclesial em pequenas comunidades, onde a fraternidade vivida no cotidiano se torna força capaz de enfrentar as polarizações e hostilidades tão presentes em nossa época. Em pequenas comunidades, o

impacto que um grupo reduzido de pessoas exerce sobre a experiência religiosa tende a ser mais profundo do que o provocado por grandes multidões. Elas são fornecedoras de proximidade, senso de pertença e contato com a Palavra de Deus.

No contexto da sinodalidade, essas pequenas comunidades assumem papel decisivo na concretização das orientações do último Sínodo. Nelas florescem o afeto, a ajuda mútua e a solidariedade entre os membros e, além disso, manifestam-se a partilha de responsabilidades, o compromisso com a missão evangelizadora e a dedicação a um serviço socioambiental transformador. Ainda que sujeitas às limitações próprias das relações humanas, tais comunidades configuram-se como espaços privilegiados de escuta, convivência e participação.

#### 4. Será possível concluir?

Conforme revelam os dados do Censo 2022 sobre religião, a evangelização no Brasil encontra-se diante de um desafio amplo, complexo e urgente. O país mostra-se cada vez mais plural, marcado por experiências religiosas que se distanciam das instituições que, historicamente, orientaram a vivência da fé. Observa-se contínua diminuição no número de católicos e um crescimento entre os evangélicos; ainda que em ritmo mais lento, a tendência permanece. Destaca-se também o aumento expressivo do grupo dos sem religião, expressão mais evidente desse processo de transformação. Nesse contexto de crescente individualização e desinstitucionalização, é essencial evitar que a mensagem cristã seja reduzida a um produto do individualismo ou do consumismo religioso.

Pelo contrário, somos chamados a buscar novos caminhos para a transmissão da fé e para que a vida em comunidade, fundada nos vínculos humanos essenciais e nutrida pela Palavra de Deus, pela oração e pelos sacramentos, seja fonte viva de missionariedade. **vp**

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOFF, C. *Sinais dos tempos: princípios de leitura*. São Paulo: Loyola, 1979.

COMBLIN, J. Signos de los tiempos. *Concilium*, v. 4, n. 312, p. 527-540, 2005.

FISICHELLA, R. Los signos de los tiempos en el contexto contemporáneo. *Medellín*, Bogotá, v. 17, n. 65, p. 55-71, 1991.

IBGE. *Censo Demográfico 2022: Religiões: resultados preliminares da amostra*. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2102182>. Acesso em: 12 out. 2025.

INAPAZ. *Do descompasso à missão, à comunidade e à iniciação*. [S. l.: s. n.], 2024. No prelo.

INAPAZ. *Entre números e interpretações: uma primeira reflexão sobre os dados religiosos do Censo 2022*. [S. l.: s. n.], 2025. No prelo.

INAPAZ. *Eu vim trazer a espada (cf. Mt 10,34): meditações acerca de algumas expressões religiosas contemporâneas*. [S. l.: s. n.], 2025. No prelo.

INAPAZ. *Profetismo em tempos de pós*. [S. l.: s. n.], 2024. No prelo.

INAPAZ. *Religioso, porém secularizado?: desafios brasileiros para o discernimento das futuras DGAE*. [S. l.: s. n.], 2024. No prelo.

INAPAZ. *Um caminhar sinodal de profetas: desafios para a Igreja no Brasil em nossos dias*. [S. l.: s. n.], 2024. No prelo.

LOSCHI, M. Censo 2022: católicos seguem em queda; evangélicos e sem religião crescem no país. *Agência de Notícias – IBGE*, 6 jun. 2025. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/43593-censo-2022-catolicos-seguem-em-queda-evangelicos-e-sem-religiao-crescem-no-pais>. Acesso em: 12 out, 2025.

MIRANDA, M. F. *Um cristianismo sinodal em construção: a fé cristã na atual sociedade*. São Paulo: Paulinas, 2022.

SUESS, P. Sinais dos tempos. In: PASSOS, J. D.; SANCHEZ, W. L. *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus / Paulinas, 2015. p. 895-901.

# O EVANGELHO SOCIAL

## MANUAL BÁSICO DE DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA

Elvis Rezende Messias /  
Dom Pedro Cunha Cruz



Versão  
E-Book

Neste livro, os leitores terão a oportunidade de conhecer as estruturas fundamentais da Doutrina Social da Igreja, encontrando sólidas orientações e reflexões para fazer uma boa leitura do mundo, do ser humano e da cultura a partir da Escritura, da Tradição e do magistério.




**ADQUIRA  
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000  
0800 016 40 11

[loja.paulus.com.br](http://loja.paulus.com.br)

Maycon D. Mazzaro\*

\*Maycon Donizetti Mazzaro é graduado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas) e em Teologia pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo (Unisal). Possui especialização em Sagradas Escrituras: Antigo e Novo Testamentos pela Faculdade São Basílio Magno (Fasbam). Atualmente, é vice-coordenador do Conselho Nacional do Laicato do Brasil (CNLB) na arquidiocese de Campinas-SP. E-mail: mdmazzaro@gmail.com



# A FÉ QUE PROMOVE MUDANÇAS

a compreensão da justificação pelas obras, segundo a carta de Tiago



*Este artigo propõe uma leitura pastoral e exegética da carta de Tiago, destacando a íntima relação entre fé e obras. Argumenta que a verdadeira fé cristã não pode existir sem transformação concreta de vida, e que a justificação, embora originada na fé, se manifesta no amor e na prática da justiça. Não há oposição entre Paulo e Tiago, mas diferentes abordagens a uma mesma verdade: a fé viva opera pela caridade.*

## **INTRODUÇÃO: FÉ QUE SE VÊ NO COTIDIANO**

Vivemos tempos em que muitas pessoas dizem crer em Deus, frequentam comunidades e até professam sua fé com palavras eloquentes em igrejas e, mais recentemente, na internet. No entanto, quando observamos os frutos dessa fé – atitudes, decisões, relações com os pobres e com a justiça –, percebemos que nem sempre ela produz transformação. De fato, muitas vezes vemos uma desconexão entre o que se professa com os lábios e o que realmente é vivido no dia a dia. A fé, que deveria ser a força motriz da vida cristã, parece, em muitos casos, ser reduzida a rituais vazios ou a palavras bonitas, mas sem um impacto real na vida pessoal ou social.

A carta de Tiago, escrita com a clareza de quem conhece as fraquezas humanas, desafia-nos a refletir profundamente sobre o verdadeiro significado da fé. Tiago não se contenta com uma fé que se limita ao plano teórico ou à expressão verbal. Ele nos confronta com a pergunta fundamental: que tipo de fé é a nossa? É aquela que apenas se expressa na confissão verbal, nos ritos e na identidade religiosa, ou a que impulsiona mudanças reais no coração e na sociedade? A fé genuína, segundo Tiago, é questão não apenas de crenças doutrinárias, mas sobretudo de uma transformação, visível e tangível, na vida daqueles que a professam.

A carta nos chama a viver uma fé que não apenas fala, mas também age. Tiago nos lembra que a verdadeira fé se manifesta na prática da justiça, no amor ao próximo e no cuidado com os necessitados. Ela se reflete nas pequenas e

grandes decisões do cotidiano, nas escolhas que fazemos a cada dia em relação aos outros e à sociedade. Não se trata apenas de adesão intelectual a um conjunto de crenças, mas de adesão que se expressa em ações concretas, que resultam em transformação.

A fé não pode ser reduzida a um conjunto de declarações doutrinárias; ela precisa ser visível, precisa agir. Tiago nos confronta com essa realidade, chamando-nos a uma coerência profunda entre o que cremos e o que fazemos. Desafia-nos a integrar nossa fé ao nosso modo de viver, para que o amor de Deus e a justiça que Ele exige se tornem visíveis no mundo. Este é o grande desafio que a carta de Tiago nos propõe: a fé que transforma a vida, a sociedade e o coração humano.

### **1. O contexto da carta de Tiago: uma fé enraizada na tradição judaica**

A carta de Tiago é uma das mais práticas e desafiadoras do Novo Testamento. Escrita provavelmente por Tiago (Yaakov), parente do Senhor, líder da comunidade de Jerusalém, martirizado no ano de 62, ela reflete um cristianismo ainda profundamente enraizado no judaísmo. Tiago, que exerceu uma liderança de destaque entre os primeiros cristãos, foi um elo vital entre o judaísmo tradicional e a nova fé messiânica, reconhecendo em Jesus o Messias prometido nas Escrituras. Sua carta, portanto, surge em um contexto em que os judeus messiânicos não apenas professavam a fé em Yeshua (Jesus), mas também continuavam fiéis à Torá e aos ensinamentos dos profetas.

Esse contexto judaico é fundamental para compreender o tom e o conteúdo da carta, que se aproxima da literatura sapiencial, repleta

de exortações morais e chamadas à coerência entre fé e prática. A sabedoria bíblica, tal como ensinada nas Escrituras hebraicas, é vista como um caminho prático para viver em justiça e retidão. Tiago segue essa trilha, desafiando seus leitores a integrar o que creem com o modo como vivem, refletindo o caráter de Deus na concretude das ações diárias.

Em Tiago 1,27, encontramos uma afirmação crucial: “A religião pura e sem mácula diante de Deus, nosso Pai, consiste nisto: visitar os órfãos e as viúvas em suas tribulações e guardar-se livre da corrupção do mundo”. Isso nos mostra que a fé cristã não pode ser apenas uma experiência subjetiva e individual; ela precisa impactar o próximo, especialmente os mais vulneráveis. Essa visão está profundamente enraizada na tradição profética de Israel, que constantemente exortava o povo a cuidar dos órfãos, das viúvas e dos estrangeiros, como um sinal de verdadeira justiça e religiosidade. Para Tiago, a fé não se restringe a uma experiência interior ou a uma observância ritual, mas se reflete na prática concreta de amor e justiça.

## 2. A tensão entre fé e obras: mal-entendidos históricos

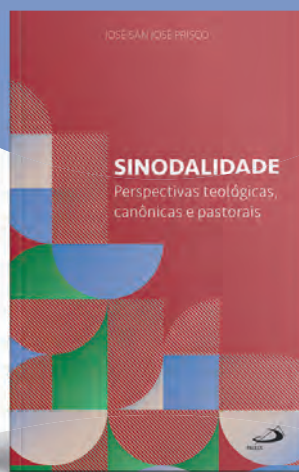
Historicamente, a carta de Tiago gerou controvérsias, especialmente por parecer contradizer a doutrina paulina da justificação pela fé. Martinho Lutero, ao comentar a carta, chegou a chamá-la de “epístola de palha”, por considerar que ela minimizava a centralidade da fé para a salvação. Lutero estava particularmente focado na ideia de que a justificação diante de Deus é exclusivamente pela fé, e não pelas obras da Lei. Ele via a carta de Tiago como um obstáculo a essa compreensão, o que reflete a tensão histórica entre as ênfases teológicas do cristianismo primitivo.

No entanto, essa leitura não considera o contexto dos dois autores. Tiago e Paulo não estão em oposição, e sim tratando de desafios diferentes. Ambos abordam a questão da fé e da justificação, mas de perspectivas distintas e em situações específicas.

# SINODALIDADE

PERSPECTIVAS TEOLÓGICAS,  
CANÔNICAS E PASTORAIS

*José San José Prisco*



Desde a sua criação, a Igreja tem procurado a unidade, valorizando sempre a diversidade. Nesse esforço de sentir e viver com um só coração, a comunidade dos seguidores de Jesus é chamada a percorrer um caminho comum de diálogo, escuta e discernimento, do qual todos participam.



**ADQUIRA  
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000  
0800 016 40 11

[loja.paulus.com.br](http://loja.paulus.com.br)

“ *A carta de Tiago, escrita com a clareza de quem conhece as fraquezas humanas, desafia-nos a refletir profundamente sobre o verdadeiro significado da fé.* ”

- Paulo escrevia principalmente para comunidades gentílicas, combatendo a ideia de que a observância da Lei mosaica – como a circuncisão, os alimentos puros e as festas judaicas – era suficiente para justificar alguém diante de Deus. Para ele, a fé em Cristo é o ponto de partida da justificação, e a relação com Deus é estabelecida pela graça, e não pelas obras da Lei. Esse ensino de Paulo visava evitar que os gentios fossem sobrecarregados com as exigências da Lei, mostrando que a justificação era pela fé, e não pela observância dos rituais.
- Tiago, por sua vez, enfrentava um problema diferente dentro da comunidade de judeus messiânicos: pessoas que professavam a fé em Cristo, mas cuja vida não refletia essa fé. Seu desafio não era com a origem da fé, mas com seus efeitos visíveis na vida dos discípulos. Tiago se preocupava com a prática cristã e com a coerência entre o que se crê e o que se faz. Para ele, a fé que não resulta em boas obras não é uma fé viva. A ênfase de Tiago está em demonstrar que a verdadeira fé se manifesta em atitudes concretas, especialmente com relação ao cuidado com os necessitados e à prática da justiça.

Como observa Johan Konings, Tiago está menos preocupado com a origem da fé do que com sua eficácia concreta, com sua conformidade (Konings, 1995, p.16). Sua ênfase não é negar a fé como princípio, mas questionar uma fé sem frutos. Tiago desafiava seus leitores a refletir se a fé que professavam estava realmente transformando sua vida e suas relações com

os outros, especialmente com os mais pobres e vulneráveis.

### **3. Fé que age: a justificação pelas obras como fruto da fé viva**

O centro da argumentação de Tiago aparece, de forma clara e incisiva, no capítulo 2: “Como o corpo sem o sopro da vida é morto, assim também é morta a fé sem as obras” (Tg 2,26). Com isso, ele não está propondo uma competição entre fé e obras, e sim revelando a inseparabilidade entre ambas. Ele nos leva a perceber que a fé verdadeira se torna visível por meio das atitudes, das escolhas e do compromisso com a justiça e a misericórdia. Uma fé que não transforma, não sustenta, não se torna serviço, é estéril.

Que obras, porém, são essas? Tiago não está falando de ritos religiosos ou de observâncias exteriores, mas de ações concretas de amor ao próximo, especialmente aos mais vulneráveis. Ele apresenta dois exemplos emblemáticos das Escrituras: Abraão, que demonstrou sua fé por meio da obediência radical, e Raab, que acolheu e protegeu os mensageiros de Israel, arriscando a própria vida. Nesses dois casos, a fé se torna movimento, risco, entrega. Fé e obras caminham juntas como corpo e alma.

O papa Francisco retomou esse ensinamento ao afirmar com clareza, ao longo de toda a sua exortação *Evangelii Gaudium* (2013), que a fé que não se torna amor não é fé verdadeira. Isso significa que a fé cristã não pode ser apenas uma convicção interior ou uma adesão doutrinária; ela precisa encarnar-se na vida, transbordar em compaixão, tornar-se pão repartido,

acolhimento, perdão, justiça e compromisso com os pobres. A fé que salva gera vida nova – em nós e por meio de nós.

O teólogo José Comblin reforça essa perspectiva ao afirmar:

*A fé cristã está fundada no anúncio do Reino de Deus por Jesus. O Reino de Deus já está presente e a própria vida de Jesus mostra essa presença. Os discípulos foram encarregados de anunciar da mesma maneira o Reino de Deus. Não se trata de discursos, e sim das suas vidas. As vidas deles mostrarão que o Reino de Deus já chegou (Comblin, 2010, p. 10).*

A fé, portanto, não é um fim em si mesma, mas resposta viva ao chamado de Deus para transformar o mundo segundo os valores do Reino: solidariedade, partilha, libertação e dignidade para todos.

O próprio Jesus, no monte das Oliveiras, afirmou aos seus discípulos:

*Então dirá o rei aos que estiverem à sua direita: “Vinde, benditos de meu Pai, recebei por herança o Reino preparado para vós desde a fundação do mundo. Pois tive fome e me destes de comer. Tive sede e me destes de beber. Era forasteiro e me recolhestes. Estive nu e me vestistes, doente e me visitastes, preso e viestes ver-me” (Mt 25,35-36).*

O Senhor deixa muito claro que não basta acreditar, orar ou adorar; é preciso que essa fé se reflita em ação, em compaixão: “Em verdade vos digo: cada vez que o fizestes a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes” (Mt 25,40); “todas as vezes que o deixastes de fazer a um desses pequeninos, foi a mim que o deixastes de fazer. E irão estes para o castigo eterno, enquanto os justos irão para a vida eterna” (Mt 25,45-46). No julgamento escatológico, a misericórdia se torna critério de salvação. O amor prático é o verdadeiro culto aceito por Deus.

Essa compreensão nos desafia a olhar para dentro e perguntar: minha fé me move a amar? Tenho feito diferença na vida das pessoas ao meu redor? Se a fé não me leva à misericórdia, talvez ela precise renascer.

#### **4. A fé que transforma o sujeito e a sociedade**

Na carta de Tiago, encontramos não apenas um chamado à coerência pessoal, mas também um grito profético contra as injustiças que ferem a dignidade humana. Tiago não separa a conversão interior da transformação das estruturas sociais. Ele denuncia com veemência os ricos que exploram os trabalhadores, que acumulam riquezas à custa do sofrimento dos pobres, enquanto a justiça clama aos céus: “O salário, do qual privastes os trabalhadores que ceifaram os vossos campos, clama, e os gritos dos ceifeiros chegaram aos ouvidos do Senhor dos exércitos” (Tg 5,4).

Esse trecho ecoa a voz dos profetas Amós e Isaías, que, em tempos antigos, ergueram a Palavra de Deus contra a corrupção, o luxo desmedido e o abandono dos necessitados. Para Tiago, assim como para os profetas, o verdadeiro culto a Deus passa pelo cuidado com os pobres, pela denúncia da opressão e pelo compromisso com a justiça. A fé, quando é autêntica, tem consequências sociais.

É perceptível que a comunidade de Tiago não é apenas lugar de oração, mas também de denúncia e anúncio. É essa prática que ele propõe aos cristãos por meio de sua carta. A fé vivida nessa perspectiva ultrapassa o espaço do templo e alcança o campo, a praça, o local de trabalho, o mundo da política e da economia. Trata-se de espiritualidade encarnada, que se traduz em práticas transformadoras, na opção evangélica e preferencial pelos pobres e na construção de relações mais humanas e solidárias.

Ser cristão, portanto, não é apenas crer – é agir. Não basta frequentar os ritos ou proclamar fórmulas de fé. A verdadeira espiritualidade nasce do encontro com Cristo e se expressa no

cuidado com o outro, na luta por dignidade, na recusa à indiferença diante do sofrimento alheio. A fé se manifesta na transformação do mundo, começando pela transformação de cada pessoa que se abre à ação do Espírito de Deus.

Tiago nos convida, enfim, a uma espiritualidade da inteireza: fé que escuta a Palavra, mas também a pratica; fé que adora, mas também serve; fé que contempla, mas também denuncia e constrói.

### 5. A fé que cumpre a Lei do amor

A carta de Tiago nos lembra que é preciso cumprir a Lei de Deus de forma completa. Ele diz: “Se cumpris a Lei régia segundo a Escritura: ‘Amarás o teu próximo como a ti mesmo’, estais agindo bem” (Tg 2,8). Em seguida, adverte: “Mas se fazeis acepção de pessoas, cometeis um pecado e incorreis na condenação da Lei como transgressores” (Tg 2,8). O líder da Igreja em Jerusalém, falando aos cristãos, reforça que mesmo aquele que guarda toda a Lei, mas desobedece a um só ponto dela, torna-se culpado da transgressão da Lei inteira (Tg 2,10). Aliás, quanto ao mandamento do amor ao próximo, que atravessa toda a

*“O discípulo de Cristo é chamado a viver uma espiritualidade integral, em que a fé confessa e celebra, mas também serve e transforma.”*

Escritura, desde o Levítico até os ensinamentos de Jesus, constitui a chave hermenêutica da vida cristã. Não se trata de um ideal abstrato, mas de exigência concreta, verificada nas relações humanas, especialmente com os mais frágeis e excluídos.

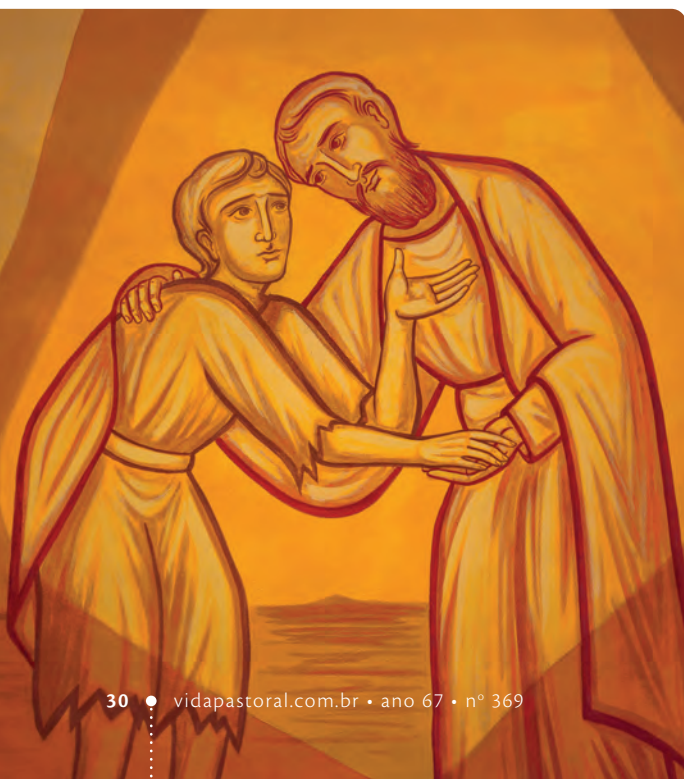
Tiago, como bom judeu messiânico, entende que a justiça se realiza quando a fé conduz o crente a obedecer ao mandamento maior do amor. A Lei, nesse sentido, não é abolida, mas plenificada pelo amor, tal como o próprio Jesus ensinou (Mt 5,17).

A mesma ideia é reafirmada por Paulo: “Pois, em Cristo Jesus, nem a circuncisão tem valor, nem a incircuncisão, mas apenas a fé agindo pela caridade” (Gl 5,6). Ambos os apóstolos apontam para o mesmo centro da vida cristã: a fé verdadeira se expressa no amor concreto, na compaixão, na solidariedade. Não há fé sem amor; não há amor sem ação.

Portanto, fé e obras não são opostas, mas complementares. Elas fazem parte de um mesmo caminho espiritual. A fé gera as obras, e as obras consagram e confirmam a fé. Assim, o discípulo de Cristo é chamado a viver uma espiritualidade integral, em que a fé confessa e celebra, mas também serve e transforma.

### CONCLUSÃO: SER CRISTÃO É VIVER A FÉ COM AS MÃOS

A carta de Tiago é apelo vigoroso à coerência entre aquilo que professamos com os lábios e



aquilo que realizamos com as mãos. Ela nos convida a revisar nossas práticas religiosas e a confrontar nossa fé com a realidade do mundo. Tiago nos adverte contra uma espiritualidade estéril, que se contenta com palavras, ritos e aparências, mas não se traduz em compromisso concreto com a justiça, a solidariedade e a dignidade humana.

Essa visão está em plena sintonia com o chamado do papa Francisco a uma Igreja em saída, comprometida com os pobres e com os que sofrem. Na *Evangelii Gaudium*, ele recorda: “A fé autêntica implica sempre um profundo desejo de mudar o mundo, transmitir valores, deixar algo melhor atrás da nossa passagem pela terra” (EG 183). A fé que salva não nos isola da realidade, mas nos empurra para dentro dela, com coragem e compaixão.

Ser cristão é mais do que crer – é viver a fé com os pés na estrada e as mãos estendidas. A fé viva não apenas transforma o coração, mas também contagia a sociedade, renova as relações, cura feridas e constrói pontes.

Tiago nos lembra com firmeza: “A fé sem obras é morta”. Contudo, também nos inspira com esperança: a fé que se traduz em obras é semente de um mundo novo – mais justo, mais fraterno, mais semelhante ao Reino de Deus. Que nossa fé se faça visível em gestos concretos de amor, justiça e serviço, para que o mundo, por meio de nós, possa ver a face do Cristo que transforma. **vp**

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

BÍBLIA hebraica Stuttgartensia (BHS). Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.

COMBLIN, J. *Viver na esperança*. São Paulo: Paulus, 2010.

FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium*: Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2013.

KONINGS, J.; KRULL, W. *Cartas de Tiago, Pedro, João e Judas*. São Paulo: Loyola, 1995.

# EVANGELIZAÇÃO NAS CIDADES

RAÍZES NA TEOLOGIA DO POVO

Dom Edson Oriolo



No universo da cultura urbana, que ultrapassa as cidades e impacta também o pequeno percentual de população que vive na zona rural, a Igreja sente-se interpelada a refletir sobre sua ação evangelizadora e a encontrar formas de anunciar o Evangelho de Jesus Cristo, de modo a fecundar, no coração dos homens e das mulheres, as sementes da fé cristã.



**ADQUIRA  
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000  
0800 016 40 11

[loja.paulus.com.br](http://loja.paulus.com.br)

\*Prof. Dr. Venício A. de Lima

\*Venício A. de Lima é professor emérito da Universidade de Brasília, especialista em História do Cristianismo Antigo e membro do Observatório da Comunicação Religiosa (OCR). E-mail: vadelima@uol.com.br

# JOHN H. NEWMAN, o 38º Doutor da Igreja





*O breve ensaio narra a experiência pessoal do autor com o nome de John Henry Newman. Partindo da época em que era estudante na Universidade de Illinois (segunda metade da década de 1970) e frequentava o “Newman Hall”, descreve seu “reencontro” com Newman por meio da mensagem do papa Francisco de 2023 e depois, indiretamente, por meio de um de seus escritores favoritos, Robert Southey. Citando Bento XVI, um biógrafo de Newman, e Leão XIV, esboça o perfil desse ex-anglicano, convertido ao catolicismo e proclamado o 38º Doutor da Igreja pelo papa Leão XIV, em 1º de novembro de 2025.*

Na segunda metade da década de 1970, ao longo de quase quatro anos, frequentei a “cafeteria” no subsolo do Newman Hall, na esquina da Av. Armory Leste com a R. 6ª Sul, no miolo do *campus* da Universidade de Illinois em Urbana-Champaign. A “cafeteria” é parte do complexo do St. John’s Catholic Newman Center, que inclui uma igreja e um conjunto residencial completo, capaz de abrigar quase seiscentos estudantes.<sup>1</sup> A localização não poderia ser melhor: do outro lado da rua do Gregory Hall – sede do College of Communications (hoje, College of Media), onde eu estudava – e defronte à entrada lateral da Biblioteca Central, onde fui bolsista na Latin American Collection. Era na “cafeteria” do Newman Hall, ambiente agradável e acolhedor, que me reunia com meu *thesis adviser* pelo menos uma vez a cada quinze dias.

Enquanto estava em Urbana, pressionado pelo compromisso de produzir a tese dentro dos prazos (tanto da bolsa da Capes quanto da minha licença da Universidade de Brasília), não procurei saber quem era o Newman que dava nome ao local. Mais de quarenta anos depois (!), ao ler a mensagem do papa Francisco para o 57º Dia Mundial das Comunicações Sociais (Francisco, 2023), deparei-me com

uma referência a “São João Henry Newman” (1801-1890) e, finalmente, busquei saber de quem se tratava.

Em 2023, João Henry Newman já havia sido beatificado por Bento XVI (2010) e canonizado por Francisco (2019). A referência a ele, na mensagem apresentada por ocasião do Dia das Comunicações – a qual tem como título “Falar com o coração: ‘Testemunhando a verdade do amor’ (Ef 4,15)” –, aparece no contexto de um dos exemplos que o texto oferece deste “falar com o coração”, lembrando outro Doutor da Igreja, São Francisco de Sales, padroeiro dos jornalistas católicos. Uma de suas célebres afirmações – “O coração fala ao coração” (*cor ad cor loquitur*) – foi escolhida por Newman para lema cardinalício.

Ao ler sobre Newman, fiquei sabendo que nasceu em Londres (1801), em uma família anglicana,<sup>2</sup> e que, desde jovem, foi um grande leitor. Surpreso, vi que, entre seus escritores favoritos, estava o poeta, ensaísta e historiador inglês Robert Southey (1774-1843). De minha parte, “encontrei-me” com Southey quando comecei a estudar o pensamento de Paulo Freire. Southey foi levado para Lisboa por um tio

1 Cf: [https://en.wikipedia.org/wiki/St.\\_John%27s\\_Catholic\\_Newman\\_Center](https://en.wikipedia.org/wiki/St._John%27s_Catholic_Newman_Center). Disponível em: 16 dez. 2025.

2 O anglicanismo é uma das tradições cristãs que surgiram com a Reforma Protestante. Por não aceitar a decisão do papa Clemente VII sobre a impossibilidade de seu divórcio, o rei Henrique VIII separou a Igreja da Inglaterra da Igreja Católica, em 1534. O anglicanismo combina tradições católicas e reformistas. A Bíblia cristã é seu livro sagrado.

materno, pastor anglicano, e é o autor da primeira história publicada do Brasil, que abrange o período colonial do “descobrimento” até a transferência da corte portuguesa em 1808. Na sua *História do Brasil* está a referência ao sermão da Visitação de Nossa Senhora (1640), do padre Antônio Vieira (1608-1697), que, mais de três séculos depois, se tornaria a inspiração inicial de Freire, mediante E. L. Berlink (1948), para introduzir o conceito de “cultura do silêncio”.<sup>3</sup>

Newman estudou teologia e foi ordenado sacerdote anglicano em 1824. Em 1833, tornou-se líder do Movimento de Oxford, que visava reconduzir a Igreja da Inglaterra às suas raízes católicas originárias. Em 1845, converteu-se e ingressou na Igreja Católica. Mais tarde, em Roma, voltou a estudar teologia e, em 1847, foi ordenado sacerdote católico. Teólogo, reitor e poeta, em 1879 foi nomeado cardeal por Leão XIII. Faleceu em 1890.

O cardeal Joseph Ratzinger, depois papa Bento XVI, sempre foi grande admirador de Newman. Em 1990, como prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, falando no centenário de sua morte, afirmou:

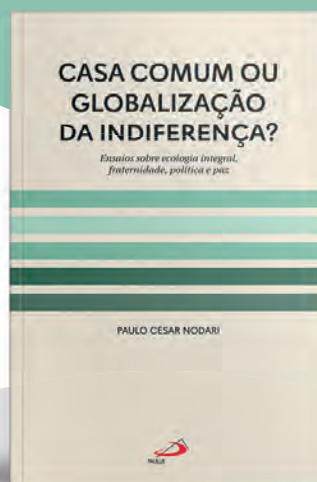
**Parece-me que o contributo de Newman ainda não foi completamente utilizado nas teologias modernas. Ele contém em si ainda possibilidades frutuosas, que aguardam ser desenvolvidas. [...] Todos sabem como a concepção de Newman sobre a ideia do desenvolvimento marcou o seu caminho rumo ao catolicismo. Contudo não se trata apenas de um desenvolvimento coerente de ideias. No conceito de desenvolvimento está em jogo a própria vida pessoal de Newman. [...] Newman foi, ao longo de toda a sua vida, uma pessoa que se converteu, que se transformou, e**

<sup>3</sup> Sobre a arqueologia do conceito de “cultura do silêncio”, cf. LIMA, 2021.

## CASA COMUM OU GLOBALIZAÇÃO DA INDIFERENÇA?

ENSAIOS SOBRE ECOLOGIA INTEGRAL, FRATERNIDADE, POLÍTICA E PAZ

Paulo César Nodari



Neste livro, o autor Paulo César Nodari nos apresenta cinco ensaios com reflexões sobre grandes desafios éticos e políticos de nosso tempo, motivadas, especialmente, pelas cartas encíclicas *Laudato Si'* (2015) e *Fratelli Tutti* (2020), do papa Francisco.



**ADQUIRA  
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000  
0800 016 40 11

[loja.paulus.com.br](http://loja.paulus.com.br)



“ Newman estudou teologia e foi ordenado sacerdote anglicano em 1824. Em 1833, tornou-se líder do Movimento de Oxford, que visava reconduzir a Igreja da Inglaterra às suas raízes católicas originárias. Em 1845, converteu-se e ingressou na Igreja Católica. ”

desta forma permaneceu sempre ele mesmo, e tornou-se sempre mais ele mesmo. Newman expôs na ideia do desenvolvimento a própria experiência pessoal de uma conversão jamais concluída, e assim ofereceu-nos a interpretação não só do caminho da doutrina cristã, mas também da vida cristã (Ratzinger, 1990).

Um livro de Stephen Kelly, diretor da School of Humanities e professor na Liverpool Hope University, discute o pensamento e a posição de Newman em relação a questões políticas e sociais de seu tempo, a Era Vitoriana. Ao contrário do que pode indicar a apropriação que tem sido feita de seu nome por personagens públicas, religiosas ou não, do campo politicamente conservador, a apresentação do livro afirma:

Este livro ataca veementemente o mito de que ele permaneceu um discípulo do conservadorismo político e social ao longo de sua vida. Newman era, de fato, um conservador em sua essência, mas a base de seu conservadorismo

repousava em suas crenças religiosas e não em suas visões políticas ou sociais. [...] Portanto, ele não pode ser rotulado como um “Tory”: um expoente político e social dos princípios conservadores. [...] Este livro demonstra que Newman não pertencia nem ao campo conservador nem ao liberal. Em vez disso, ele representava uma combinação de ambas as ideologias. Na busca pela verdade religiosa, ele era “liberal” quando buscava corrigir o que acreditava estar errado e conservador quando buscava manter o que acreditava estar certo (Kelly, 2012).

No último dia 1º de novembro, o cardeal John Henry Newman foi proclamado por Leão XIV Doutor da Igreja e copadroeiro, com Santo Tomás de Aquino, dos agentes do processo educativo. Na homilia da missa de proclamação, o papa lembrou a contribuição de Newman para a teoria e a prática da educação. Disse ele:

Entre a duradoura herança de São John Henry encontram-se alguns contributos

muito significativos para a teoria e a prática da educação. “Deus – escreveu ele – criou-me para lhe prestar um serviço específico. Confiou-me uma tarefa que não confiou a outros. Tenho uma missão: talvez não a chegue a conhecer nesta vida, mas ela ser-me-á revelada na vida futura” (*Meditations and Devotions*, III, I, 2). Nestas palavras, encontramos expresso, de um modo esplêndido, o mistério da dignidade de cada pessoa humana e também o da variedade dos dons distribuídos por Deus (Leão XIV, 2025).

Ainda na mesma homília, citando Francisco sobre os desafios do mundo em que vivemos, Leão XIV afirma:

Recordo o que sublinhou o meu amado predecessor, papa Francisco, no seu discurso à Primeira Plenária do Dicastério para a Cultura e a Educação: devemos trabalhar juntos para libertar a humanidade da escuridão do niilismo que a rodeia e que é, talvez, a doença mais perigosa da cultura contemporânea, pois ameaça “anular” a esperança (Discurso aos participantes na Plenária, 21 de novembro de 2024). A referência à noite que nos rodeia recorda-nos um dos textos mais conhecidos de São John Henry, o hino “Lead, kindly Light” (“Luz terna, suave, leva-me mais longe”). Nessa linda oração, percebemos que estamos longe de casa, que temos pés vacilantes, que não conseguimos decifrar claramente o horizonte. Mas nada disso nos detém, porque encontramos o nosso Guia: “Conduze-me, terna Luz [...] a noite é escura e estou distante de casa, conduze-me, tu, sempre mais avante” (“*Lead, kindly Light. The night is dark and I am far from home. Lead Thou me on!*”).

Este é o Newman que dá nome ao *hall* da “cafeteria” que frequentei como estudante, em Urbana, tantos anos atrás. Hoje, São João Henry Newman é o 38º Doutor da Igreja. **vp**

“ No último dia 1º de novembro, o cardeal John Henry Newman foi proclamado por Leão XIV Doutor da Igreja e copadroeiro, com Santo Tomás de Aquino, dos agentes do processo educativo. ”

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FRANCISCO, Papa. Mensagem para o LVII Dia Mundial das Comunicações Sociais. 21 maio 2023. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/20230124-messaggio-comunicazioni-sociali.html>. Acesso em: 16 dez. 2025.
- KELLY, S. *A conservative at heart? The political and social thought of John Henry Newman*. Dublin: Columba Press, 2012.
- LEÃO XIV, Papa. Homília na missa e proclamação de São John Henry Newman como Doutor da Igreja. 1º nov. 2025. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/leo-xiv/pt/homilies/2025/documents/20251101-messa-giubileo-formatori.html>. Acesso em: 16 dez. 2025.
- LIMA, V. A. de. *Paulo Freire: a prática da liberdade para além da alfabetização*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo; Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2021.
- RATZINGER, Card. J. Discurso no centenário da morte do cardeal John Henry Newman. 28 abr. 1990. Disponível em: [https://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/documents/rc\\_con\\_cfaith\\_doc\\_19900428\\_ratzinger-newman\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19900428_ratzinger-newman_po.html). Acesso em: 16 dez. 2025.

# ROTEIROS HOMILÉTICOS

Pe. Gustavo César dos Santos\* / Pe. Dr. Junior Vasconcelos do Amaral\*\*



Maio

Os cantos das celebrações, bem como as respectivas indicações de autoria e as partituras, podem ser acessados por meio dos códigos QR ao lado. Ouça os álbuns da Paulus, de forma gratuita, nas principais plataformas de *streaming*.



Junho

5º DOMINGO DA PÁSCOA

3 de maio

“Não se perturbe o vosso coração... Quem me viu, viu o Pai”

## I. INTRODUÇÃO GERAL

Maio é símbolo de alegria pascal. É também o mês de Maria. Trata-se de um mês que neste ano concentra, além de dois domingos pascais, algumas das principais festas da Igreja: Ascensão do Senhor, Pentecostes e Santíssima Trindade. No meio desse mês, no dia 13, a Igreja recorda a memória de Nossa Senhora de Fátima. Portanto, falamos de um mês alegre e festivo, derivado do mistério da cruz e ressurreição, a plenitude da vida que indubitavelmente vence a morte e revela o contínuo amor de Deus, uno e trino.

A primeira leitura relata a escolha de sete homens de origem grega e idôneos que servirão as viúvas a fim de que os apóstolos continuem a missão evangelizadora. Na segunda leitura, o apóstolo Pedro afirma que Jesus é a pedra rejeitada que se tornou a pedra angular, sobre a qual a Igreja encontra sustento. No Evangelho, parte de um longo discurso de despedida, João

afirma que Jesus é o caminho, a verdade e a vida e que quem o vê, vê também o Pai. Jesus é o rosto amoroso de Deus.

## II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

### 1. I leitura (At 6,1-7)

Na primeira leitura, entremeada ao mistério da graça pascal, reside ainda uma lacuna de descontentamento por parte dos fiéis de origem helênica em relação aos de origem hebraica. Os helenistas eram judeus que, tendo vivido na diáspora fora da Palestina, haviam adotado a cultura grega e dispunham em Jerusalém de sinagogas particulares, onde a Bíblia era lida em grego, possivelmente a LXX (Septuaginta). Há um problema a ser resolvido, o qual é evidenciado já no início do texto, no v. 1: “os de origem grega diziam que suas viúvas eram deixadas de lado no atendimento diário”. As viúvas e órfãos sempre foram considerados vulneráveis e dignos de bom trato, como atestado em Ex 22,22-23. Há outros textos que levam em consideração esse estado de vida (Dt 10,18; 24,17s; 27,19; Sl 10,17-18; 82,3; 1Tm 5,9-10; Tg 1,27). O ato transformador da cena reside no v. 2: os doze apóstolos (símbolo da Igreja colegiada, que caminha na mesma

\*Gustavo César dos Santos é presbítero da diocese de Divinópolis-MG e vigário paroquial da paróquia Nossa Senhora do Carmo, na cidade de Carmo do Cajuru-MG. Graduado em Filosofia e Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas), atualmente é o assessor eclesialístico da Comissão Vida e Família e Pastoral Familiar da diocese. E-mail: gustavocesar339@gmail.com

\*\*Junior Vasconcelos do Amaral é presbítero da arquidiocese de Belo Horizonte-MG e vigário episcopal da Região Episcopal Nossa Senhora da Esperança. Doutor em Teologia Bíblica pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (Faje – Belo Horizonte), realizou parte de seus estudos de doutorado na modalidade “sanduíche”, estudando Narratologia Bíblica na Universidade Católica de Louvain (Louvain-la-Neuve, Bélgica). Atualmente, é professor de Antigo e Novo Testamentos na PUC-Minas e pesquisa sobre psicanálise e Bíblia. E-mail: jvsamaral@yahoo.com.br

direção do Evangelho de Jesus Cristo) reúnem a multidão e afirmam: “Não está certo que deixemos a pregação da Palavra de Deus para servir às mesas”. O v. 3 põe em comum a resolução do problema: escolher sete homens de boa fama, repletos do Espírito Santo e de sabedoria, para serem responsáveis por essa missão. Quanto aos apóstolos, continuariam assíduos na oração e no anúncio da Palavra, o que consiste em dupla missão apostólica: reunir e presidir as liturgias da comunidade e catequizar (transmissão da fé). Lucas (autor dos Atos dos Apóstolos) não lhes impõe o termo “diáconos”, como se acostumou dizer, mas diz que estariam a “serviço” (*diakonía*; cf. Fl 1,1 e Tt 1,5). Todos eles têm nomes gregos, e o último era um prosélito (cf. 2,11). Dessa maneira, o grupo dos cristãos helenistas recebe uma organização eclesial distinta dos de origem hebraica. Talvez, em meio a essa distinção, residisse um pano de fundo sobre a política missionária (mais universal para os helenistas e mais particular para os hebreus de Israel).

Os apóstolos oram sobre eles, impondo-lhes as mãos, ação antiga conhecida como *cheirotonia*, símbolo da transmissão de poder, do estado da graça, embora o verbo usado por Lucas no grego seja *Epétheke autois tás cheiras* (*ch* tem som de “r” derivado da garganta). Esse ministério (serviço), não entendido ainda como hierárquico, mas carismático, pois brota do Espírito Santo, que acompanha a Igreja e assiste os apóstolos, deve ser acolhido como necessário para a vida da Igreja que nasce de Pentecostes e carece estar sempre em reforma, *aggiornamento*, atualização, segundo o adágio *Ecclesia semper reformanda est*. A diaconia de tais homens não suplanta a diaconia dos apóstolos, mas é subsidiária, preservando o sentido basilar da Igreja: *koinonia* – comunhão. Tal princípio da Igreja, de comunhão, possibilita-lhe fazer conhecida a Palavra de Deus (v. 7), a qual se espalha. Esse versículo apresenta as consequências do trabalho apostólico em

comunhão com o Espírito Santo, correspondendo ao clímax e desfecho da narrativa: o número dos discípulos crescia em Jerusalém e muitos sacerdotes judeus aceitavam a fé em Cristo.

## 2. II leitura (1Pd 2,4-9)

Pedro utiliza, em sua narrativa, inúmeras imagens cristológicas. A pedra viva é importante entre as imagens: firme e resistente é Cristo, e a vida vivida sobre ele e nele nos faz resistir às dificuldades da existência, com nossas angústias e limitações, provando o amparo de Deus (v. 4). Formamos, como Igreja, um edifício espiritual do qual cada cristão faz parte e cuja pedra fundamental é Cristo. O sacerdócio existencial de Cristo nos comunica um sacerdócio batismal santo, para oferecer sacrifícios espirituais (v. 5). Pedro, nessa parênese (texto exortativo-argumentativo), está chamando os cristãos à consciência do novo sacerdócio: já não de sacrifícios cruentos, em que o sangue dos animais aplacava a ira de Adonai, no Antigo Testamento, mas do sacerdócio existencial, de nossa vida, que vai sendo imolada junto com a de Cristo no sacrifício do altar da cruz, único, irrepetível e pleno, fazendo-nos compreender a relação dessa carta com a epístola aos Hebreus, as quais, juntas, formam as “epístolas católicas”, pois suas temáticas são atemporais e para todos (*Katholikós*). O v. 6 é uma alusão a Is 28,16: “Eis que ponho em Sião (Jerusalém) uma pedra angular, escolhida e preciosa; quem nela crê não será confundido”. Essa pedra é Jesus Cristo, que do alto do Calvário passará da vida para a morte e, três dias depois, abraçará a ressurreição; uma pedra que, segundo Pedro, é rejeitada pelos edificadores, mas se torna pedra angular e, por outro lado, é pedra de tropeço (aludindo indiretamente aos maus) e que faz cair (alusão aos que a rejeitam e vivem a falta da fé). O motivo de seus tropeços é não crer na Palavra, que a eles também foi destinada. Para Pedro, é a Palavra que sustenta o ser humano que crê (v. 8). Em contrapartida, os chamados,

a quem Pedro se dirige (vós), são raça escolhida, sacerdócio do Reino, nação santa, chamados à luz maravilhosa, à salvação que vem de Deus.

### 3. Evangelho (Jo 14,1-12)

O Evangelho de João, diferentemente dos sinóticos, tem um conjunto de capítulos chamados “discurso de despedida” (Jo 13-17). Eles correspondem ao início do “Livro da Glória”, o qual segue até Jo 20, o final canônico do Evangelho. O capítulo 14 pode ser comparado a um estágio elevado no discurso de Jesus, que, após ter lavado os pés dos discípulos na última ceia, começa a despedir-se deles. Não se trata, porém, de qualquer despedida: ela é dramática e forte, contendo símbolos imperiosos para entender a essência da narrativa joanina, o amor (Jo 15,12 – o novo mandamento; repetição de 13,34).

Jo 14,1-12 corresponde a uma passagem instigante, situada logo após o diálogo entre Simão Pedro e Jesus. Simão afirma que daria sua vida por Jesus, e este retruca: “Em verdade, em verdade, te digo: o galo não cantará sem que me renegues três vezes”. Jo 14,1 já apresenta uma espécie de catarse por parte de Jesus, não obstante a futura decepção com a tripla negação petrina: “Não se perturbe o vosso coração. Tendes fé em Deus, tende fé em mim também”. Para Jesus, o coração não pode se deixar perturbar diante dos desafios. É preciso crer em Deus e crer nele também. Ele é o enviado do Pai, digno de fé. Jesus, em seguida (v. 2), diz: “Na casa de meu Pai há muitas moradas (em grego, *Monai*: “moradas” ou “casas celestiais” que serão escatologicamente habitadas pelos crentes depois da parusia, a segunda vinda de Cristo). O sentido figurado seria “permanência”, “estada” ou “alojamento”. Jesus afirma: “vou preparar um lugar para vós”. Para o sentido de despedida que tem Jo 14, essa é a certeza que Jesus reserva diante da incerteza de Simão Pedro, que afirma que jamais o negaria, que daria sua própria vida por ele. Pedro é símbolo da instabilidade diante da certeza

escatológica que Jesus tem para oferecer. Na lógica de uma leitura psicanalítica, pode-se dizer que a angústia de Pedro seria possivelmente tamponada por uma promessa que ele não consegue sustentar, em troca da certeza de que só Jesus pode oferecer: as moradas celestes, uma permanência eterna, típica de um Deus que habita provisoriamente a carne humana.

Jesus ainda promete que, depois que se for, vai voltar e levar todos consigo, possibilitando-nos entender que o destino de seus seguidores é a pátria celeste, as moradas eternas, em contraposição à vida que tem seus dias contados neste mundo. No v. 4, Jesus diz que, para onde ele vai, seus discípulos conhecem o caminho: caminho que é ele mesmo, sua vida divina assumida na carne, pois “o que não foi assumido, não é redimido” (Santo Irineu). Tomé intervém e diz que não sabem para onde Jesus vai e como podem, então, conhecer o caminho (v. 5). Em seguida (v. 6), Jesus afirma em tom autoproclamativo: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida”. Para Konings, “as sete proclamações figurativas (em forma de símbolo) devem ser entendidas à luz da Páscoa, do mistério da morte e vida de Jesus” (KONINGS, J. *Evangelho segundo João: amor e fidelidade*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 156). Sendo assim, ao revelar estes símbolos – caminho, verdade e vida –, Jesus está indicando que quem caminha ao seu lado encontra a verdade e obtém a vida eterna, a qual, para o Quarto Evangelho, equivale ao Reino de Deus (vontade de Deus). Jesus ainda inclui: “Ninguém vai ao Pai senão por mim”. Ele está se revelando a Tomé e aos discípulos como o acesso definitivo a Deus, como o caminho pelo qual todos chegamos à salvação oferecida por Deus.

Para Jesus, conhecê-lo é a condição *sine qua non* para acessar o Pai. Essa nova gnose oferecida por Jesus não é a mesma que era combatida ou com a qual o Quarto Evangelho dialoga. Jesus não quer um conhecimento intelectual, mas uma experiência de permanência, de estar com ele, a fim de que por ele conheçamos a

Deus. Trata-se de relação mais profunda. No v. 8, Felipe pede: “Mostra-nos o Pai”. Jesus, provocado por essa inquietação, elabora um profundo discurso (v. 9-12) para evidenciar a seu discípulo que há muito tempo está com ele e que ele vê o Pai em Jesus, mas não entende, por falta de uma fé mais profunda. Jesus está no Pai e o Pai está nele, e essa é a garantia para que todo fiel possa permanecer definitivamente um dia na ressurreição e realizar obras como as de Jesus: de vida e salvação para os outros.

### III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Perceber que Jesus revela a imagem de Deus, que visita a história humana e se preocupa com ela. Estimular a comunidade a perceber o rosto de Jesus nas pessoas, fazendo da celebração eucarística também um encontro de fraternidade. Estimular as pastorais da pessoa idosa a promover momentos de reflexão com os idosos, uma vez que entre eles há também inúmeros viúvos e viúvas, a exemplo da primeira leitura.

6º DOMINGO DA PÁSCOA

10 de maio

## “Se me amais, guardareis os meus mandamentos”

### I. INTRODUÇÃO GERAL

A liturgia deste domingo nos convida a viver o mandamento por excelência: o amor. Se amamos a Cristo, guardamos (pomos em prática) seus mandamentos. Viver o mandamento do amor só é possível com a ajuda do pedagogo divino, o Espírito Santo. Ele é o elo de amor entre o Pai e o Filho, a unção que nos foi dada no batismo e nos será ofertada novamente, em breve, na solenidade de Pentecostes, daqui a dois domingos. Hoje, a primeira leitura nos fala sobre a ação missionária de Filipe, que, descendo de Jerusalém à Samaria, anunciou ali a Jesus de Nazaré, o Ressuscitado. O anúncio de Jesus ressuscitado gera vida para os que

# A TEOLOGIA E A PASTORAL NA CIDADE

*Elias Wolff / Benjamin Bravo Perez /  
Antônio Ernesto Palafox / (orgs.)*



Entre os temas que mais interpelam a teologia em nossos tempos, está a compreensão das cidades e do complexo urbano, com suas características múltiplas, conforme os variados contextos temporais e socioculturais que configuram a convivência humana em suas diversas expressões e dimensões.



**ADQUIRA  
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000  
0800 016 40 11

[loja.paulus.com.br](http://loja.paulus.com.br)

estão aprisionados no pecado e no sofrimento corporal. Na segunda leitura, Pedro convida à santificação da vida, no coração, por meio de Cristo. Essa santificação leva o cristão a dar razão (*logos*: palavra) da esperança, que nasce de um coração confiante, que ama. A ação do discípulo de Jesus, o amor, gera dissonâncias e muitas vezes perseguição, mas é preferível sofrer por testemunhar a Cristo a sofrer sem testemunhá-lo. No Evangelho, Jesus nos convida ao amor, guardando seus mandamentos, que podem ser resumidos na tarefa fundamental de amar. Todo o testemunho cristão só é possível e frutuoso à luz do Espírito Santo, dado ao coração do cristão, o qual não é deixado na orfandade. É o Espírito que continua a inspirar a vida da Igreja, das comunidades de fé e de todos os servidores do Evangelho.

## II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

### 1. I leitura (At 8,5-8.14-17)

Em relato emblemático sobre a taumaturgia dos apóstolos, especialmente de Filipe, na Samaria, o autor dos Atos aponta, teologicamente, que, na Igreja primitiva, é Jesus ressuscitado quem continua a agir, por meio do Espírito que inspira e assiste os enviados (apóstolos). A ação missionária e evangelizadora de Filipe concede aos ouvintes saúde corporal e espiritual (v. 7). Muitos foram curados. Essa ação taumatúrgica, endereçada aos da Samaria por intermédio do evangelizador, é a contínua ação de Jesus na vida dos que creem. É preciso, porém, haver quem anuncie Jesus ao mundo, essa é a missão de todo cristão.

A narrativa se divide em dois momentos: a ação evangelizadora de Filipe em um lugar da Samaria (v. 5-8) e os apóstolos que, em Jerusalém, ficam sabendo do que aconteceu e enviam para lá Pedro e João, os quais fazem a oração de epiclesa (invocação do Espírito Santo) sobre os samaritanos, pois estes ainda não haviam recebido o Espírito (v. 14-17), mas apenas o batismo em nome de Jesus. Pedro e

João impõem as mãos e eles recebem o Espírito Santo.

O livro dos Atos dos Apóstolos apresenta à Igreja seu autorretrato, sua eclesiologia, que tem como figura primordial o pedagogo, o Espírito Santo. Trata-se de uma pneumatologia requintada que Lucas, o autor dos Atos, elabora. É o tempo do Espírito Santo, que atuou e atua na Igreja para que ela seja santa e consiga santificar as pessoas, realidades e coisas. A presença do Espírito é a presença mesma do Ressuscitado no nosso meio, a qual nos inspira e fortalece na comunhão, na participação e na missão.

### 2. II leitura (1Pd 3,15-18)

Pedro inicia essa leitura com o verbo no imperativo, como ordem: “Santificai (em grego, *águiásate*) vossos corações”. O coração do cristão é morada de Cristo. No original grego, o v. 15 começa desta forma: “Como o Senhor, Cristo, santificai em vossos corações”, dando-nos a entender que é Cristo, presente em cada coração, que nos santifica para as obras de justiça e misericórdia, a fim de vivermos segundo a vontade de Deus. O apóstolo Pedro nos convida a estar atentos (em sentido de defesa: *apologian*) e prontos para darmos razão (*lógon*) de nossa esperança (*elpídos*). Tudo isso seja realizado com mansidão, temor e boa consciência, e, se houver difamação, serão essas virtudes que envergonharão os difamadores, pois mais vale, segundo o apóstolo, o bom procedimento do cristão, a sensação de que está realizando o bem (v. 16).

No versículo seguinte, Pedro justifica: pois é melhor sofrer praticando o bem que praticando o mal, pois o bem é vontade de Deus e o mal é recusar-se a realizar a vontade de Deus, indo na contramão de seu Reino (sua vontade). O v. 18 conclui, dizendo, explicativamente, que uma vez por todas (como diz Hebreus) Cristo morreu por causa dos pecados; o justo (*dikaiós*) pelos injustos (*adíkon*), para nos conduzir a Deus. Cristo morreu na carne, mas vivendo no Espírito. Se, por um lado, Cristo sofreu a injustiça da insensatez humana, por outro,

saboreou a graça restauradora de Deus, que o resgatou da morte para a vida da ressurreição. É nessa experiência vivida por Cristo que temos garantida a vida nova, pois só quem assumiu a condição humana pode redimir tal condição.

### 3. Evangelho (Jo 14,15-21)

Ainda em tom de despedida, Jo 14,15-21 nos põe diante do enunciado condicional: “Se me amais, guardareis meus mandamentos”. Para Jesus, nessa cena de adeus, em preparação para a morte, deixar aos seus discípulos um legado, o mandamento do amor, é fundamental. Não apenas deixar um legado é importante, mas também que este seja posto em prática. Jesus, embora digno de confiança para seus discípulos-apóstolos, também confia neles e sabe que podem dar continuidade à missão: amar e servir o mundo pelo amor. Jesus não abandona seus discípulos, mas rogará ao Pai que envie o Defensor (*parákleton*), a fim de que esteja presente continuamente junto aos seus discípulos-apóstolos. Trata-se do Espírito da verdade (*pneuma tés aletheías*), o qual o mundo não pode receber, pois não o vê nem o conhece. Para João, é necessária a fé (*pístis*). Na perspectiva do Quarto Evangelho, o elemento da fé, crer, acreditar, não é simples confiança, mas adesão de vida, compromissada com a mensagem de Jesus. “Fazei o que ele vos disser” (Jo 2,5). Não é sem sentido que a palavra “fé”, em grego *pístis*, aparece em João uma centena de vezes. Trata-se do Evangelho da fé (fidelidade) e do amor, da expressão bela da Aliança Nova com Deus, em Cristo.

Para Jesus, em João, os discípulos conhecem (*gnóskete*) o Espírito, pois ele vive no meio da comunidade. O Espírito é o elo entre Jesus e seus discípulos. Por isso, quando, já ressuscitado, Jesus aparece aos discípulos, envia, reenvia, sobre eles o Espírito Santo (Jo 20,22), para dizer que estará, pelo Espírito, continuamente e ainda hoje com a comunidade discipular. O v. 18 confirma essa adoção de Jesus: “Não vos deixarei órfãos”. Ele vem para nós, está no

meio de nós, como dizemos na liturgia eucarística dominical (ou diária). No v. 19, Jesus, num trocadilho, diz que o mundo não o verá mais, mas eles, seus discípulos, o verão, pela graça santificante do Espírito, em um contínuo e eterno Pentecostes. Jesus estará no Pai e nos discípulos pelo Espírito (v. 19). Essa dupla morada de Jesus garante que ele não deixa sua Igreja órfã, mas a acompanha pelas estradas da vida (v. 20). Estar em Jesus e Jesus estar nos discípulos é promessa cumprida na vida cotidiana dos que estão irmanados e unidos pelos laços do Espírito Santo. Da mesma forma que começou o Evangelho deste domingo, o v. 21 fala do amor: “Quem acolheu os meus mandamentos e os observa, esse me ama”. E quem ama a Jesus é amado pelo Pai, pois é para reconciliar a humanidade com o Pai que Jesus se ofereceu ao mundo como vítima de resgate, a fim de tornar a todos filhos e filhas.

### III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Convidar os fiéis à missão de evangelizar: anunciar a mensagem da Boa-nova de Jesus a quem necessita, sobretudo a quem está adoecido e a todos os que estão sem esperança. Orientar a reflexão para a pneumatologia, para a ação do Espírito Santo na vida da Igreja, sobretudo para o que o Espírito vem realizando em prol da comunidade e de seus fiéis. Destacar a importância dos que são perseguidos por causa da fidelidade ao Evangelho, percebendo que todos nós, se fiéis à mensagem de Jesus, teremos de lidar com tais perseguições, mas sempre com mansidão, sem perder a tenacidade da fé.

#### ASCENSÃO DO SENHOR

17 de maio

**“Ide e fazei discípulos meus todos os povos”**

### I. INTRODUÇÃO GERAL

A solenidade da Ascensão do Senhor simboliza, no horizonte da fé, o destino da pessoa

fiel: o céu, a vida eterna junto daquele que vive e reina. Na perspectiva teológica cristã, a ascensão corresponde ao aceite de Deus acerca da vida inteira de Jesus, que, ressuscitado, volta para o Pai, levando consigo toda experiência aqui vivida. Ele será, ao lado do Pai, no laço do Espírito que os une, o eterno Crucificado-Ressuscitado que enxerta no mistério de Deus a vida humana da encarnação, sendo esta assumida pela redenção. Sua vida é integralmente acolhida por Deus e, portanto, tendo assumido nossa condição mortal, revela que nossa vida está escondida com ele (Cl 3,3). Na primeira leitura, Lucas apresenta a cronologia dos fatos teológicos envolvendo Jesus e seus discípulos logo após a ressurreição, inserindo-nos no contexto da ascensão, que, mais que um fato, constitui a experiência existencial de Jesus de ser acolhido plenamente no coração de Deus. Na segunda leitura, Paulo convida a comunidade de Éfeso a conhecer o amor de Deus e seus planos, que envolvem chamá-la à riqueza da glória com todos os santos (cristãos). No Evangelho, Jesus se despede de seus discípulos em uma montanha e deixa-lhes dupla missão: batizar e ensinar. Jesus não apenas volta para o Pai, mas deixa aos discípulos e à Igreja um legado.

## II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

### 1. I leitura (At 1,1-11)

Na primeira leitura, Lucas inicia seu livro, os Atos dos Apóstolos (em grego, *Praxéis Apostolon*), endereçando-se a Teófilo, o “amigo de Deus”, que pode hipoteticamente não ser apenas um dignitário pagão, mas constituir toda a Igreja, que fez, por Jesus Cristo – o Filho –, uma amizade com Deus, o Pai. Lucas afirma que, no seu primeiro livro, o Evangelho, tratou de tudo o que Jesus havia feito e ensinado (v. 1). O v. 2 já nos põe em sintonia com o mistério hoje celebrado: “até ao dia em que foi levado para o céu”, depois de ensinar, pelo Espírito Santo, os apóstolos, os escolhidos (*exeléxato*). O termo

“levado”, que em grego lucano é *anelēmphthē*, é traduzido também por “foi elevado”, dando a entender que esse movimento não é autônomo por parte de Jesus, mas sua vida é elevada por ação de Deus, que também o ressuscitou dos mortos, sinalizando, assim, sua plena comunhão com aquele que o enviou e, agora, o resgata deste mundo. Do v. 3 ao v. 5, Lucas faz uma anamnese de tudo o que realizou Jesus: apareceu aos apóstolos e, em uma refeição, após lembrá-los do batismo ministrado por João com água, afirmou que agora os discípulos seriam batizados pelo Espírito, comunicando-lhes em seguida a missão de anunciar o Evangelho. Os que lá estavam reunidos (v. 6) perguntaram a Jesus quando seria a restauração do reino de Israel. Jesus lhes respondeu (v. 7) que não lhes cabia saber o dia e o momento que o Pai havia determinado por sua própria autoridade.

Jesus promete (v. 8) que seus discípulos receberão logo mais o Espírito Santo, aludindo a Pentecostes, a festa da manifestação do Espírito. Diz-lhes que serão suas testemunhas em Jerusalém, na Judeia, na Samaria e até os confins do mundo. Depois de comunicar-lhes a missão evangelizadora, Jesus foi levado ao céu na frente deles (v. 9). A nuvem é uma representação da presença divina desde o AT (Ex 13,21-22), simboliza a presença de Deus junto aos israelitas no deserto. A nuvem impede os discípulos de ver o mistério, que deve ser compreendido com o coração, não com o sentido da visão. Segundo o v. 10, enquanto ainda os discípulos olhavam para o céu, apareceram dois anjos vestidos de branco, mensageiros de Deus, que lhes disseram (v. 11): “Homens da Galileia, por que ficais aqui, parados, olhando para o céu? Esse Jesus que vos foi levado para o céu, virá do mesmo modo como o vistes partir para o céu”. Essa promessa, que parece uma consolação, evoca os mistérios que ainda serão testemunhados por eles: Jesus enviará o Espírito Santo em Pentecostes, que falará por eles e agirá por meio deles, para que o Evangelho não seja esquecido.

## 2. II leitura (Ef 1,17-23)

Constituindo verdadeiro legado espiritual de Paulo, embora considerada deuteropaulina, escrita desde sua prisão em Roma (Ef 3,1; 4,1), a carta aos Efésios demonstra a doutrina de fé do apóstolo, sendo provavelmente expressão de sua íntima relação com os judeus da sinagoga daquele lugar, onde ele permaneceu por pouco tempo. Éfeso era um centro de irradiação para a vida missionária na Ásia Menor. A carta possivelmente foi escrita por volta dos anos 60 a 62. É dirigida aos “santos” que estão em Éfeso, aos cristãos daquela renomada comunidade. Paulo escreve com a intenção de ajudar a desenvolver a espiritualidade e o testemunho daqueles que já eram membros. O propósito era ajudar esses convertidos a crescer no conhecimento espiritual de Deus e da Igreja, sobretudo aqueles oriundos do paganismo, com os quais o apóstolo sempre soube dialogar.

Paulo inicia falando da sabedoria dada por Deus aos que ele chamou (v. 17). Em tom litúrgico, parece estar rogando a Deus para que o coração deles se abra à luz, a fim de saberem a esperança do seu chamamento, a herança da glória reservada aos “santos” (leia-se “cristãos batizados”). Deus (v. 20) manifesta em Cristo sua força, ressuscitando-o dos mortos e fazendo-o assentar-se à sua direita. Essa cristologia (v. 21) ainda ressalta a potestade de Deus em Cristo. Deus submeteu todas as coisas a Cristo (v. 22), que está acima de tudo e é a cabeça da Igreja, seu corpo, a plenitude daquele que possui a plenitude universal (v. 23). Para Paulo, Cristo é a razão de ser dos cristãos e todos estamos nele vinculados. Como verdadeiro legado de fé, Efésios demonstra a convicção de Paulo mesmo em meio aos sofrimentos e lágrimas que vive em sua prisão.

## 3. Evangelho (Mt 28,16-20)

Correspondendo ao final do Evangelho segundo Mateus, essa passagem tem um tom de despedida e, ao mesmo tempo, de envio

# CATEQUESE DIGITAL

POR ONDE COMEÇAR?

*Aline Amaro da Silva*



Versão  
E-Book

O livro busca oferecer um caminho de compreensão das mudanças humanas, culturais, comunicacionais e teológicas que a realidade atual traz como desafio e oportunidade para a catequese. A reflexão é dividida em seis eixos temáticos: cultura digital, ciberteologia, gerações digitais, cibergraça, missão evangelizadora e catequese digital.



**ADQUIRA  
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000  
0800 016 40 11

[loja.paulus.com.br](http://loja.paulus.com.br)

missionário, à luz do que Jesus já havia ensinado sobre a montanha (Mt 5-7, intitulado “Sermão da montanha”). Trata-se de transmissão importante de legado, o de Jesus para os discípulos, chamados de apóstolos como em Mt 10,2-3 (*apostolôn*: “enviados”).

Desde o sepulcro vazio, a atenção se volta para o encontro de Jesus com os discípulos na Galileia (Mt 28,7). Na opinião de Giuseppe Barbaglio, a relação entre Jesus e os discípulos constitui “o centro de interesse de Mateus nesta seção pascal” (“O Evangelho de Mateus”. *In*: BARBAGLIO, G. *et al. Os Evangelhos I*. São Paulo: Loyola, 1990, p. 417), opinião compartilhada por inúmeros exegetas. A cena acentua não apenas a atitude dos discípulos com relação a Jesus, vendo-o (v. 17), mas também a de Jesus com relação a eles (v. 18), em que ele se aproxima e lhes diz: “Foi me dado por Deus todo o poder no céu e sobre a terra”. A *exousia* de Jesus, seu poder, é autorizada pelo Pai, que o envia ao mundo para revelar a si e seu plano, o Reino de Deus, em Mateus entendido como Reino dos Céus (Mt 3,2). Jesus incumbe seus discípulos de constituir outros discípulos do meio de todos os povos, revelando que seu plano e sua vontade se orientam para a universalidade, e não apenas para os da casa de Israel (v. 19). Essa ordem termina com o verbo “batizai-os” (em grego: *baptizontes autous*) em nome da Trindade. O v. 20 inclui: “ensinai-os (*didaskontes*) a observar tudo o que vos ordenei”. Note-se que o verbo é derivado de *didaskalia*, do ensinamento daquilo que Jesus veio comunicar. Tudo o que ele deseja é que suas verdades sejam observadas.

Jesus envia sua Igreja ao mundo e promete que estará presente com ela, os discípulos, no mundo. A Igreja, segundo Barbaglio, “não foi deixada sozinha no seu longo e cansativo caminho histórico” (*op. cit.*, p. 420). Jesus a acompanha, sustentando e encorajando seus passos sobre o pó da história. Como Igreja em saída, Jesus sai com seus discípulos, pois, onde dois ou três estão reunidos em seu nome, ele está no meio deles. A comunidade eclesial experimenta,

nas vivências fraterna, missionária e anunciadora, celebrando também hoje a Eucaristia, a presença viva de Jesus, Senhor que a anima e não a deixa sucumbir diante dos desafios.

### III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Anunciar que Jesus está no meio de nós, que nossas comunidades não se encontram órfãs nem abandonadas, pois ele é quem preside a vida da Igreja, animando os ministros e os fiéis leigos na missão evangelizadora. Catequizar a comunidade para firmar nela a certeza de que a ascensão de Jesus não constitui uma despedida fatídica, na qual a vida dele é apartada da nossa, mas sim um ganho para a humanidade, que, em sua humildade, é acolhida na realidade celestial por Deus. Ajudar os fiéis a se prepararem para a festa solene de Pentecostes, pedindo ao Espírito os dons diversos para que a evangelização continue acontecendo.

#### PENTECOSTES

24 de maio

## “A paz esteja convosco! Recebei o Espírito Santo”

### I. INTRODUÇÃO GERAL

Pentecostes é a vida no Espírito; não se resume a apenas um tempo, mas é experiência constante. Ela hoje se expressa liturgicamente para dizer que vivemos sob a moção do Espírito. A festa, *per se*, corresponde a uma solenidade antiga, celebrada no contexto hebraico com o nome de *Shavuot*. Antes da dominação grega, era conhecida como festa das Semanas ou das Colheitas, celebrando, cinquenta dias depois da *Pessah* (Páscoa), a colheita da cevada e encerrando-se com a colheita do trigo (Dt 34,22; Nm 28,26 e Dt 16,10). Estava ligada também à Lei dada a Moisés na montanha do Horeb. Diz Levítico: “[...] contareis sete semanas completas. Contareis cinquenta dias até o dia seguinte ao sétimo sábado” (23,15-16). A festa, que inicialmente tem um caráter

agrícola, vai sendo ligada a aspectos históricos e teológicos e, no NT, corresponde ao derramamento do Espírito Santo sobre os apóstolos, dando início à Igreja (At 2,1). Na primeira leitura, a Igreja recorda o momento especial de Pentecostes, que evoca a diversidade de línguas que anunciam o Evangelho, a mensagem de Jesus. Na segunda leitura, o apóstolo Paulo se dirige aos coríntios, enfatizando o mistério da diversidade que constitui a Igreja, cujo fundamento é Jesus Cristo, o Senhor. Pelo Espírito é que o cristão proclama o senhorio de Jesus. No Evangelho, João recorda a aparição de Jesus no primeiro dia da semana e seu anúncio de paz, o sopro do Espírito Santo e a incumbência da Igreja de ser instrumento de reconciliação no mundo. A Igreja tem, assim, a importante missão de ser sacramento de reconciliação no meio da humanidade.

## II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

### 1. I leitura (At 2,1-11)

Pentecostes é símbolo da alegria do Espírito que se derrama sobre os discípulos do Senhor e os faz protagonistas do anúncio do Evangelho. A unção do Espírito não é para tornar alguém mais rico de graça, mas para torná-lo merecedor de ser chamado de apóstolo, isto é, enviado a uma missão: evangelizar. A primeira leitura indica que, chegada a ocasião histórica da festa de Pentecostes, festa de *Shavuot*, em cenário judaico, estavam reunidos em Jerusalém os discípulos de Jesus. Para que a Igreja inicie sua missão, é imprescindível que esteja unida e reunida (v. 1). Do céu vem um barulho que enche os espaços do cenáculo com a presença do Espírito (v. 2). O v. 3 diz serem línguas de fogo. O fogo sempre foi, bíblicamente, sinal da presença de Deus (Ex 3,2; 1Rs 18,19-39). Foi assim na sarça ardente, foi assim com o profeta Elias, no Horeb. As línguas de fogo pousaram sobre os apóstolos reunidos, mostrando que cada um participa dessa comunicação, que não é exclusiva de alguns, mas é comum.

Os discípulos, cheios do Espírito Santo, começaram a falar em novas línguas (*hetérais glossais*), uma espécie de glossolalia (falar em línguas, v. 4). As línguas representam o dom fundamental do Espírito: a comunicação. Significa que o Evangelho deve ser comunicado por todos e todos são responsáveis por seu anúncio. O v. 5 diz que estavam em Jerusalém judeus residentes, homens piedosos de todas as nações, por causa da diáspora. Como era a ocasião de uma das festas de peregrinação, os judeus que habitavam outros lugares do orbe romano vinham para as solenidades e lá permaneciam. Após o barulho (v. 6), todos ficaram confusos, pois ouviam os discípulos falar na língua própria de cada um.

Pentecostes representa, assim, o avesso da torre de Babel, na qual se constatava uma confusão que não levava a nenhum lugar. Pentecostes é uma emanação da Palavra de Deus em outros idiomas, reunindo-os em torno da mensagem de Jesus, o Evangelho. O v. 7 apresenta a admiração dos que ouviam, pois, se os apóstolos eram todos galileus, como podiam estar falando nas línguas originais dos peregrinos? O v. 8 acentua essa dúvida. Nos v. 9-11 há um acento universalista, inspirado no *midrax rabá*, que transparece na lista dos povos presentes em Jerusalém no momento da festa. Como já mencionado, trata-se de judeus da diáspora que Lucas chama de “homens piedosos” (v. 5). A lista segue uma ordem de apresentação das nações, “começando pelos povos localizados no Oriente para chegar àqueles que vivem no Ocidente, pelos que moram no Norte, mencionando em seguida os que habitam no Sul”, como afirma Pe. Alberto Casalegno (*Ler os Atos dos Apóstolos: estudo da teologia lucana da missão*, São Paulo: Loyola, 2005, p. 111). Há em tal lista dezessete nomes de nações, povos, regiões, províncias romanas e a própria capital do império. Há judeus e prosélitos, cretenses e árabes (os que habitavam em ilhas e os do deserto). A lista quer indicar que o mundo inteiro (conhecido) está em Pentecostes e que esta é uma característica da fé cristã: a universalidade.

## 2. II leitura (1Cor 12,3b-7.12-13)

No início da segunda leitura, Paulo adverte: “Ninguém pode dizer: ‘Jesus é o Senhor’, a não ser no Espírito”. Para o apóstolo Paulo, é o Espírito Santo quem autoriza todo cristão a dizer que Jesus é *Kyrios*, título dignitário que era atribuído ao imperador de Roma. Cristo é Senhor, tendo dignidade superior por sua filiação divina, por sua eleição. É ainda o Espírito que permite à Igreja a diversidade de dons e a diversidade de ministérios/serviços. Um é o Senhor, mas diversa é sua Igreja, que vive na unidade da Trindade. Assim, Cristo é, para Paulo, o centro de toda a vida cristã, em sua diversidade. O Espírito é dado a todos (v. 7) em vista do bem comum, pois o Espírito é aquele que serve para unir a Igreja em seu propósito cooperativo à salvação anunciada e vivida por Jesus. A eclesiologia paulina reflete nesse capítulo a natureza da Igreja, o mistério de Deus em Cristo, o Filho, pela ação do Espírito, e sua missão: ser instrumento de salvação, sacramento do Reino de Deus no meio da humanidade.

Dessa maneira, a Igreja tem sua missão aliada e geneticamente associada à missão de Jesus Cristo, que vem para salvar todo o gênero humano. A Igreja é como mãe que coopera no projeto de Deus de levar seus filhos e filhas à salvação. O tema acerca da diversidade dentro da Igreja perpassa esse capítulo como fio condutor. Tal diversidade é símbolo de uma polissemia espiritual, na qual o Espírito Santo é o maior protagonista. Ele garante que todos assumam papéis e cumpram missões sem que ninguém se sinta menos importante, inferior, nem que ninguém se sinta melhor, superior, por aquilo que desempenha na vida e no coração da comunidade eclesial. A imagem do corpo é utilizada para compreender a Igreja, cuja cabeça é Cristo e cujos membros são todos os batizados e batizadas. Paulo afirma, no v. 13, que todos são batizados no mesmo Espírito, mesmo que sejam judeus ou gregos, escravos ou livres. Todos formam um único corpo e bebem do mesmo Espírito, como elemento unitivo.

## 3. Evangelho (Jo 20,19-23)

Num cenário permeado pelo medo, realidade fortemente humana, tomada pelo luto e pela desolação em razão da morte cruel de Jesus na cruz, somente amparada espiritualmente pela promessa de sua ressurreição, a comunidade está reunida e torna-se espaço para que o Senhor possa se manifestar. O dizer enfático e duplicado “A paz esteja convosco” confirma que Jesus venceu a morte e que os grilhões desta já não o prendem no *Sheol* da morte. Ele está vivo e presente no meio deles, como está vivo e presente em nossa Igreja hoje, mediante seu Espírito Santo, Senhor que dá a vida e procede do Pai e do Filho. O Espírito, que no AT pairava sobre as águas, agora agita nossa fé, rompendo com a acédia, o medo e a imobilidade, fazendo que os discípulos no passado e nós, discípulos no presente, participemos de sua graça: a certeza de que a força pulsional da vida transcende, no olhar da fé, a força pulsional da morte.

O gesto de Jesus de mostrar as mãos e o lado (v. 20) evidencia que ele é o Crucificado, mas agora é o Ressuscitado. Há em seu corpo a continuidade em meio à descontinuidade. Na teologia do corpo do Ressuscitado há registros e camadas da experiência da encarnação que geram dor e sofrimento, mas há a manifestação de uma amorosa presença de Deus que supera toda morte, toda marca deliberada de ódio que ficou indelével na vida de Jesus. O fato de aparecer aos discípulos, num contexto de medo, e anunciar-lhes o *Shalom*, a plenitude do amor de Deus, é altamente importante, indicando que o caminho-destino dos discípulos não será distinto. Eles enfrentarão a crueldade, a indiferença, o aniquilamento de seus corpos, triturados pelo ódio, mas Deus, em sua infinita bondade e Espírito, haverá de ressuscitá-los, bem como a todos nós, que em Cristo e em seu Pai, pela força do Espírito, cremos e esperamos. Crer é esperar, é esperançar a vida no horizonte de um novo devir, de uma realidade que sustenta a presente imagem fantasiosa

# O DOMINGO *Celebração da* **PALAVRA DE DEUS**

*A publicação que promove a plena participação na celebração da Palavra, enriquecida com conteúdos formativos e orantes, em linguagem acessível.*



Esqueça o improvisado e as folhas soltas! Em uma única revista (com conteúdo para dois meses), você encontra tudo o que precisa para participar e servir com dignidade e profundidade:

- **Celebração dominical:** a estrutura completa da celebração da Palavra;
- **Formação e santos:** para enriquecer sua homilia ou reflexão;
- **Ritos e orações especiais:** entre outros, exéquias, adoração eucarística e comunhão aos doentes.

**A ferramenta fundamental para diáconos e ministros da Palavra.**



loja.paulus.com.br  
(11) 3789-4000 | 0800 016 40 11  
vendas@paulus.com.br  
f @editorapaulus



**Faça sua assinatura agora mesmo.**

# O DOMINGO

*O folheto litúrgico ideal para cada momento da sua celebração.*



Nossas publicações são preparadas com carinho para enriquecer a sua participação na Eucaristia. Você terá em mãos reflexões sobre o Evangelho e aprofundamento na Palavra de Deus.



**Semanário litúrgico-catequético:** leituras, cantos e formação para a missa dominical;



**Celebração da Palavra de Deus:** o roteiro certo para o culto, com foco na caminhada da comunidade e em cantos próprios para essa forma de celebração;



**Celebração da missa com crianças:** dinâmico, ilustrado e alegre para os pequenos.

**Viva a liturgia em perfeita união com toda a Igreja.**



loja.paulus.com.br  
(11) 3789-4000 | 0800 016 40 11  
vendas@paulus.com.br  
f @editorapaulus



**Seja  
assinante  
você  
também!**

da vida que carregamos como pesado fardo em nossa história. A resposta dos discípulos é antropológica e de fé, eles se alegraram ao verem o Senhor.

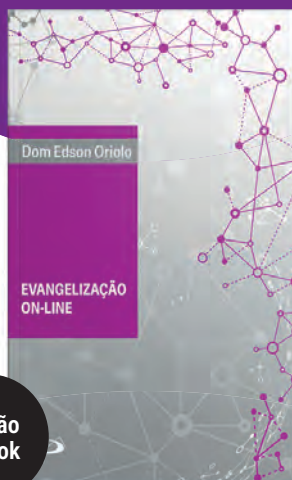
O v. 21 repete o dizer de Jesus: “A paz esteja convosco”, acrescentando um envio: “Como o Pai me enviou, também eu vos envio”. O v. 22 mostra Jesus soprando sobre eles o Espírito Santo, fazendo-nos lembrar a *Ruah* de Deus sobre as águas (Gn 1,2), como acima mencionado. Trata-se de nova criação, agora da Igreja, a Nova Humanidade em Cristo. A Igreja em Pentecostes é chamada a ir ao mundo, enviada em missão e constituída para criar novas relações nas quais o amor seja a força unitiva e transformadora, à luz daquilo que Jesus experimentou a partir da ressurreição: a certeza de um amor que salva. O v. 22 ressalta: “Recebi o Espírito Santo” e concede uma missão: a reconciliação. A Igreja agora surgida do sopro espiritual de Jesus ressuscitado é a comunidade dos reconciliados para promover a reconciliação. É chamada a perdoar, doar totalmente o amor que cura, liberta e salva o sujeito humano das ciladas do egoísmo e de uma vida vivida na autossuficiência. O Espírito cria comunhão, une, reinventa novo modo de ser na Igreja, sustentando a conversão dos indivíduos, de seus processos e de seus vínculos (caminho da sinodalidade da Igreja).

### III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Convidar a comunidade a viver o Pentecostes, contemplando em cada irmão e irmã a presença do Espírito Santo. Todos e todas somos chamados a anunciar a Jesus, Salvador da humanidade. Estimular a comunhão, a participação e a missão na perspectiva da tenda alargada, símbolo da Igreja, chamada a ser um espaço acolhedor para todos e todas. Meditar sobre a ação do Espírito Santo no presente mundo, que vive experiências de dor e angústia e é chamado a renovar sua esperança em busca de construir uma sociedade mais justa e fraterna, fundamentada no mandamento do amor.

## EVANGELIZAÇÃO ON-LINE

Dom Edson Oriolo



Versão E-Book

Compêndio de reflexões sobre a realidade na qual a Igreja de Jesus está inserida, permeada e influenciada pela velocidade dos meios sociais, para pensar a Igreja e sua relação com o mundo digital, sobretudo a dimensão tênue que tangencia o virtual e o real.



**ADQUIRA JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000  
0800 016 40 11

[loja.paulus.com.br](http://loja.paulus.com.br)

## Deus uno e trino, comunidade de amor

### I. INTRODUÇÃO GERAL

A Santíssima Trindade é a melhor comunidade! Dessa frase entendemos o que diz o filósofo Gaston Bachelard: “No princípio está a relação”. A beleza da Trindade consiste no mistério do Amor. O Pai é aquele que ama, o Filho é o amado e o Espírito Santo é o amor, a substância mesma de Deus. Nessa “ciranda”, o dinamismo eterno é o amor. Assim, entendemos o que Santo Agostinho outrora falou: “Se vês a caridade, aí vês a Trindade” (Tratado *De Trinitate*). O mistério celebrado nesta solenidade é o alto das comemorações pascais; trata-se de um mistério vivido e celebrado no cotidiano da vida da Igreja, sobretudo nos domingos. A bem da verdade, é o Mistério por excelência, pois nele se vê, à luz da fé, o mistério do Criador, do Redentor e do Santificador, nas missões trinitárias. Deus é comunidade que vive e dispensa o amor, e a Igreja é chamada a ser ícone da Trindade. Na primeira leitura, testemunhamos a ação de Deus, que desce ao encontro de Moisés, o qual, por sua vez, ora a Deus, clamando sua misericórdia em vista da dureza do coração de seu povo. Na segunda leitura, em tom admoestador, Paulo convida a comunidade coríntia a viver na alegria, purificando os corações para o amor, vivenciando a paz em nome de Deus Pai, Filho e Espírito Santo. No Evangelho, contemplamos a missão soteriológica de Deus: ele quer salvar o mundo, por Jesus, na unidade do Espírito Santo, que nos foi dado no batismo e celebrado no domingo passado, o de Pentecostes. A comunidade joanina vive uma fé madura e intensa em Deus e nos convida a participar dessa comunhão, que tem sua fonte no Deus uno e trino.

## II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

### 1. I leitura (Ex 34,4b-6.8-9)

Moisés é profeta de Deus. Ele levanta-se quando ainda é noite, antes do amanhecer, e vai até a montanha do Senhor, o Horeb, o monte Sinai. Leva consigo duas tábuas para servir de lugar de registro para Deus gravar sua Lei (Torá – instrução). O v. 5 nos apresenta um movimento de descendimento de Deus, Ele vem para junto de Moisés e conversa com seu servo. Como no capítulo 19, Moisés faz-se mediador da aliança – *BeRiT* – e, ao se encontrar com Deus na montanha, ouve a proclamação divina da misericórdia e da justiça. Trata-se de uma atitude divina reveladora: Deus se faz próximo, aproxima-se de seu escolhido, Moisés. O fato de Deus descer da nuvem indica que se desvela de sua majestade. A nuvem sempre simbolizou o próprio Deus. Essa atitude agora indica que Deus abdica de seu trono, faz-se próximo, desce até sua criatura. No v. 6, enquanto Deus passava diante de Moisés, este gritou: “Deus misericordioso e clemente, paciente, rico em bondade e fiel”. Moisés procura nomeá-lo, na tentativa de “circunscrever” Deus em seu espaço de linguagem. Nomear é buscar apossar-se. Isso, porém, é apenas uma tentativa, pois Deus é inapreensível, por isso é mistério. O v. 8 apresenta Moisés humilde diante de Deus, inclinado diante do numinoso, do mistério que ultrapassa sua compreensão e seus olhos, que estavam buscando o Senhor. Moisés intercede por si e por todos os seus: “Senhor, se é verdade que gozo de teu favor, peço-te, caminha conosco; embora este seja um povo de cabeça dura, perdoa nossas culpas e nossos pecados e acolhe-nos como propriedade tua” (v. 9). Moisés é cômico de que seu povo é teimoso, que endureceu sua cerviz a Deus, que tem pecados e que, mesmo assim, é sua propriedade. Moisés é um líder nato que se entende frágil, mas, não obstante sua fragilidade, fala com Deus, intercede por seu povo junto a Ele, não tem medo de receber suas críticas

nem de ouvir suas repreensões. Sua coragem e fé são expressões de sua capacidade de lidar com a vida e endereçar suas pulsões (seus afetos, demandas e alegrias) a Deus.

## 2. II leitura (2Cor 13,11-13)

A segunda leitura, pequena em extensão, mas grande em significado, é uma parênese, isto é, uma exortação que o apóstolo Paulo faz às comunidades de Corinto. Começando com um imperativo: “Alegrai-vos”, seguido de outro: “Trabalhai”, indica que a comunidade deve escutar atentamente essa palavra para mover-se na direção de uma vida espiritual, que tem como expressão primeira a alegria (*chairete*, de *charis*: graça) e, em seguida, a purificação, o aperfeiçoamento espiritual, a concórdia, o amor e a paz. A fé, para Paulo, não é somente um bem-estar pessoal, mas leva ao comunitário, ao bem compartilhado e celebrado na Eucaristia. No v. 12 a comunidade é convidada a viver a relação espiritual mediante a expressão do beijo santo (*hágia filemati*), o ósculo da paz. “Todos os santos vos saúdam” indica que toda a Igreja está saudando essa comunidade. “Santos” significa os que são batizados no Cristo e vivem a santidade derivada do batismo; em última instância, são todos os cristãos da comunidade. Acrescida a esse versículo está a saudação trinitária própria de Paulo e muito conhecida pelas comunidades ainda hoje, sobretudo no início das missas: “A graça do Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus e a comunhão do Espírito Santo estejam com todos vós”. Às vezes, abrindo ou concluindo suas cartas com tal saudação, Paulo busca destacar que a Igreja é ícone da Trindade, vive a partir dela e por ela. A Trindade é não apenas o destino para o qual a Igreja caminha, mas também sua origem e seu meio.

## 3. Evangelho (Jo 3,16-18)

Belíssimo e profundo, o Evangelho é mais uma oração da fé. Trata-se de um testamento do que Deus deseja realizar pela humanidade:

salvar. Chegada a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho ao mundo para que não morra todo o que nele crer (v. 16), mas seja salvo. Amar o mundo é a missão natural de Deus. Ele só pode amar, e, se não amasse, deixaria de ser Deus. Deus é amor, afirma-nos o apóstolo João (1Jo 4,8). O amor divino tem como finalidade permitir que o mundo viva, esteja salvo. Corresponde a um amor capaz de sustentar o mundo em sua definição. Deus não enviou seu Filho ao mundo para condená-lo, mas para salvá-lo. Jesus é o mediador único e absoluto da salvação. Para Jesus, o mundo tem sentido soteriológico, pois é habitação de Deus, sua *shequinah* está no meio de nós.

Para o Evangelho joanino, crer é sinal de comunhão com Deus, participação na vida divina e no misterioso caminho para a eternidade. Nele, os termos “fé”, “crer” e “acreditar” ocorrem uma centena de vezes. Trata-se de Evangelho que é expressão de uma comunidade de iniciados, e não de iniciantes; de pessoas de fé madura, a qual as levou a superar os desafios internos e encontrar, nos sinais realizados por Jesus e, sobretudo, em sua palavra, que é testamento escrito, o significado para crer. Por isso, em João, Jesus está continuamente discursando acerca da fé. Não crer, para a comunidade joanina, significa estar fora da comunhão com Deus, a qual conduz o fiel à salvação, pois é pela fé que a humanidade será salva, incorporada no amor divino. Embora o texto do Evangelho não evidencie o mistério explícito da Trindade, dizer que Deus salva significa crer no Pai, o Criador, no Filho, o Redentor, e no Espírito Santo, o Santificador. Não crer já é, para a comunidade joanina, estar condenado, pois não há outro caminho salvífico senão em Cristo (Jo 14,6).

## III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Levar a comunidade a entender que o mistério da Trindade é mais para ser vivido e celebrado que entendido e estudado. A Trindade é mistério relacional. Ajudar os fiéis a

compreender que dominicalmente celebramos a Trindade, pois toda Eucaristia é ao Pai, pelo Filho, na comunhão do Espírito Santo. Proporcionar uma catequese trinitária, percebendo que o mistério fundamental de nossa fé é nossa comunhão com as pessoas divinas, Pai e Filho e Espírito Santo.

SANTÍSSIMO CORPO E SANGUE DE CRISTO  
4 de junho

## Deus permanece conosco no sinal da sua Páscoa

### I. INTRODUÇÃO GERAL

Nesta quinta-feira, celebramos a solenidade do Santíssimo Corpo e Sangue do Senhor. É uma das festas mais aguardadas do calendário católico romano, pois com ela proclamamos publicamente nossa fé na presença real de Jesus, nosso Senhor, na Eucaristia. É um convite a todos os fiéis para que possam reconhecer, adorar e contemplar o mistério eucarístico instituído por Jesus na véspera de sua paixão. Além de ser memorial perene de sua Páscoa, a Eucaristia torna-se presença permanente e transformadora do Senhor no meio de seus discípulos e seguidores, a Igreja.

Por isso, a Eucaristia possui um acento tanto de ordem comunitária quanto escatológica. Ela é sinal de comunhão e participação do povo de Deus no mistério de Jesus, de modo que a Igreja é revelada como Corpo de Cristo. Ao mesmo tempo, a Eucaristia nos antecipa o banquete escatológico, do fim dos tempos – o banquete das núpcias do Cordeiro (Ap 19,9). A primeira leitura ressalta, entre outros aspectos, o maná: alimento dado por Deus ao povo no deserto, sinal da sua proximidade, atenção, amor e misericórdia. O maná torna-se, no Antigo Testamento, antecipação da Eucaristia, quando Deus se dará a si mesmo como verdadeiro alimento àqueles que nele crerem. Na segunda leitura, o apóstolo destaca os aspectos de comunhão e unidade expressos

no banquete eucarístico. Por fim, no Evangelho, lemos o ápice do discurso do pão da vida de São João, quando o texto adquire o aspecto mais sacramental.

## II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

### 1. I leitura (Dt 8,2-3.14b-16a)

Toda a primeira leitura está orientada pela expressão “lembra-te” (v. 2a). Dita por Moisés ao povo de Israel, que está a caminho da Terra da Promessa, ela torna-se a moldura narrativa de todo o trecho. O discurso do grande líder veterotestamentário é a reminiscência de tudo aquilo que Deus já operou em favor do povo. É preciso não perder a consciência das ações libertadoras e salvíficas do Senhor para entender o deserto como um tempo de purificação e iluminação: a pessoa humana não é autossuficiente nem autorreferencial. “O Senhor teu Deus te conduziu” (v. 2b), diz-nos o texto: fez o povo sair do Egito, da casa da escravidão, livrou-o das ciladas do mal e o saciou com água e alimento onde as terras eram inóspitas. Essa expressão, também, preenche o leitor de esperança: se o Senhor já operou tantos sinais na história em favor do povo, ainda mais o fará no hoje de nossa vida.

Entretanto, o texto acentua também o alimento concedido a Deus ao povo de Israel no deserto: “Foi ele que fez jorrar água para ti da pedra duríssima e te alimentou no deserto com maná, que teus pais não conheciam” (v. 15c-16a). O maná é, pois, o sinal da fidelidade divina diante das más escolhas humanas. O Senhor não deixa o povo à mingua diante das dificuldades que se apresentam no deserto, como a fome e a sede. Pelo contrário, não deixa faltar o essencial na vida do povo, sustentando-o na caminhada. O texto evangélico, por sua vez, retomará a menção ao maná para fazer um paralelo com “um outro” alimento concedido por Deus, na plenitude do texto. Vamos refletir sobre isso mais à frente.

## 2. II leitura (1Cor 10,16-17)

Na segunda leitura, lemos dois versículos do capítulo 10 da primeira carta de São Paulo aos Coríntios. A intenção do apóstolo, nesse pequeno trecho, é ratificar que comer carnes dedicadas aos ídolos é compactuar com o pecado da idolatria. Por isso, os cristãos não devem participar dos banquetes sacrificais oferecidos pelos pagãos. O argumento de Paulo vem assentado numa reflexão sobre a própria Eucaristia. Tanto o pão que partimos quanto o cálice que abençoamos são sinal de unidade e comunhão dos cristãos entre si e dos cristãos com Jesus Cristo. Romper a unidade com os irmãos significa, nesse sentido, romper a unidade com o próprio Cristo.

Esse trecho é interessante por nos fazer entender que a Eucaristia nos torna participantes do mistério de Cristo e de seu corpo, a Igreja. Dessa forma, desponta o aspecto eclesial e comunitário do texto, de modo específico, e da festa que neste dia celebramos, de modo geral. Quem comunga do corpo do Senhor assume um compromisso de ordem ética: viver unido a Cristo e aos irmãos na prática do bem, esforçando-se para repetir as palavras e exemplos deixados por nosso Senhor.

## 3. Evangelho (Jo 6,51-58)

O Evangelho é um trecho do capítulo 6 de São João, que se inicia com o sinal da multiplicação dos pães (Jo 6,1-15) e prolonga-se no belo discurso de Jesus sobre o pão da vida (Jo 6,22-71). O texto proclamado nesta solenidade é a parte mais sacramental de todo o conjunto. Procuremos explorar ainda mais esse aspecto, estabelecendo um paralelo entre o maná veterotestamentário e o pão vivo descido do céu, dito por Jesus.

Jesus se declara “o pão vivo descido do céu” e acrescenta: “Quem comer deste pão viverá eternamente. E o pão que eu darei é a minha carne, dada para a vida do mundo” (v. 51). Seguido pelas multidões – as pessoas estão impressionadas com os sinais realizados pelo

# PROFETAS E MÍSTICOS EM TERRA BRASILEIRA

HISTÓRIA, ESPIRITUALIDADES E LUTAS

Mauro Passos / Newton D. Andrade Cabral /  
Wagner Lopes Sanchez (orgs.)



Versão  
E-Book

Este livro consta de treze textos sobre figuras representativas das Igrejas no Brasil, além de um ensaio histórico. Cada capítulo foi dedicado a um profeta/místico diferente, com autoria de um estudioso que tenha proximidade com a personalidade retratada.



**ADQUIRA  
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000  
0800 016 40 11

[loja.paulus.com.br](http://loja.paulus.com.br)

Senhor –, Jesus as conduz para o alimento que permanece para a vida eterna. Jesus desceu do céu, ou seja, encarnou-se, fazendo-se igual a nós. Além disso, ele é a perfeita e total oferta do Pai: é-nos oferecido até a morte. Além disso, nesse trecho existe uma promessa: aqueles que se alimentarem desse pão alcançarão a eternidade. O pão é a própria carne de Jesus, que nos conduz à eternidade – verdadeiro alimento, dom espiritual, condição de encontro com Deus, vida plena na glória. Essa argumentação é justificada por outro versículo, quando Jesus diz: “Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia” (v. 54). Ressalta-se o aspecto sacramental desse alimento: é sua carne, é seu sangue – memória de sua Páscoa e condição de nossa páscoa.

O trecho se encerra com um paralelo entre o maná e o pão vivo descido do céu: “Este é o pão que desceu do céu. Não é como aquele que os vossos pais comeram. Eles morreram. Aquele que come este pão viverá para sempre” (v. 58). Se o maná foi dom de Deus para o povo no deserto, o pão da vida é o dom do Pai no Filho encarnado; o primeiro é de ordem material, já o segundo é de ordem espiritual; um sustenta para a vida física, o outro sustenta a vida espiritual; o maná é passageiro, o pão da vida permanece para sempre. Que a Eucaristia seja a fonte, o ápice e o verdadeiro alimento da vida cristã.

### III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Indicar a unidade e a relação entre as três leituras, de modo que a Eucaristia possa ser evidenciada como o centro e o ápice da vida cristã. Demonstrar como o maná é sinal prefigurativo da Eucaristia, dom do Pai para o mundo. Destacar a unidade e a comunhão como aspectos importantes e necessários da vivência da Eucaristia. Apontar modos, realidades e vivências para que esta festa possa ser transformada em práticas cotidianas, que aproximam a vida da fé.

## Ele veio para os pecadores

### I. INTRODUÇÃO GERAL

No 10º Domingo do Tempo Comum do Ano A, destaca-se a temática do encontro e da misericórdia, do perdão e do acolhimento à pessoa pecadora. Jesus Cristo é o rosto da misericórdia do Pai (cf. *Misericordiae Vultus*, 2015, papa Francisco): encarnado, evidencia quanto Deus não nos trata como exigem nossas faltas, mas nos guia com compaixão, segurança e ternura. Hoje, Jesus contrapõe uma prática de fé baseada estritamente na justiça a outra, ampliada pela misericórdia de Deus.

Embora sejamos pecadores e marcados pela realidade do mal, Jesus se aproxima de nós de modo insistente: ele nos olha e nos ama, nos perdoa e nos chama (Evangelho). A razão do convite para estarmos próximos do Senhor é que ele mesmo é o “remédio” que nos salva. Somente próximos de Jesus conseguiremos purificar nossa vida, iluminar nossos caminhos e pôr em prática seus bons ensinamentos.

Para nos tornarmos perseverantes na proposta de vida que o Senhor Deus nos apresenta, somos convidados a renovar nossa fé, pois é com essa chama acesa que conseguiremos permanecer no caminho do Senhor. Dessa forma, é preciso, pois, revigorar-nos na fé e dar glória a Deus, como nos diz o apóstolo. Que esta liturgia dominical, oportunidade privilegiada de encontro com Deus na pessoa do seu Filho, Jesus Cristo, nos renove e nos restaure em nossas mais diversas realidades, de vida e de fé.

### II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

#### 1. I leitura (Os 6,3-6)

Nos escritos veterotestamentários, deparamo-nos com a figura do profeta. Ele é mediador, receptor e articulador da palavra do Senhor, sentinela e guardião. Não mantém posto

fixo, pois está presente na praça, no palácio e no átrio do templo – ressoam seus gritos em todas as camadas da sociedade. Os profetas estão à disposição de Deus, sobretudo pelo uso da linguagem. São homens da palavra e, por isso, estão a seu serviço. É assim que se manifesta o sentido da vocação profética: conduzir Israel no caminho da fé e da obediência a Deus. Nesse sentido, na prática do amor e da justiça, o povo se reencontra no caminho que o leva a Deus e à salvação.

Na primeira leitura, escutamos o profeta Oseias. De modo geral, ele também assume, em si mesmo e em sua missão, essas características apresentadas acima. A data de sua atuação aproxima-se do reinado de Jeroboão II, entre 782 e 753 a.C. Contudo, alguns trechos chegam perto da queda da Samaria, em 722 a.C. Nesta época, o povo vivencia, de um lado, certa decadência religiosa e, de outro, prosperidade material e paz política. O trecho proposto para esta liturgia integra um conjunto maior que nos fala da infidelidade do povo na história: os erros de ordem social e religiosa que tocam a vida de Israel, bem como suas consequências.

O profeta, ao mencionar os percalços que integraram a história de Israel, deseja despertar no povo a consciência de que é necessário voltar-se a Deus: “É preciso saber segui-lo”. O povo não possui perseverança na aliança com o Senhor: “O vosso amor é como orvalho que cedo se desfaz”. O imperativo do profeta, porta-voz de Deus, deve ser acolhido com generosidade de coração: “quero amor, e não sacrifícios”. O Senhor espera do povo eleito fidelidade à aliança, para que não se desvie do caminho proposto, caindo na tentação de outros deuses. Deus espera que seu povo seja conduzido no caminho da fé e da obediência.

## 2. II leitura (Rm 4,18-25)

Este trecho da carta aos Romanos tem inequívoca importância no conjunto da construção lógico-argumentativa do apóstolo sobre a relação que se estabelece entre fé e salvação.

Paulo está respondendo, em certa medida, a dificuldades que surgem na comunidade de Roma. Alguns cristãos vindos do judaísmo acreditam que a condição para a salvação é a observância estrita da Lei mosaica. Para o apóstolo, não é assim. Se, anteriormente, Paulo já havia afirmado que a pessoa humana é justificada pela fé, agora ele retoma um personagem bíblico, Abraão, para dar significado à sua argumentação.

Abraão é modelo de pessoa temente e fiel ao Senhor. Deus prometeu-lhe terra farta e descendência numerosa, e ele não duvidou, mas revigorou-se na fé e deu glória a Deus, diz-nos o texto. Com fé em Deus, Abraão estava convencido de que o Senhor tinha poder para cumprir o que havia prometido. Dessa forma, o v. 22 tem relevância: “Esta sua atitude de fé lhe foi creditada como justiça”. Abraão foi justificado não pela observância da Lei – até porque viveu em um tempo anterior à Lei –, mas por sua fé. A fé vivenciada por esse homem – verdadeira, sincera e autêntica – foi ocasião para sua salvação. Do mesmo modo acontecerá conosco: se crermos naquele que ressuscitou Jesus dos mortos, seremos herdeiros de sua graça, vida e salvação.

## 3. Evangelho (Mt 9,9-13)

A perícopa evangélica pode ser dividida em duas partes, que se conectam entre si: a vocação de Mateus, o publicano, e o banquete com os pecadores. O texto é repleto de simbolismos e significados, que não se encerram em si mesmos nem naquele que é chamado; pelo contrário, acentuam a ação de Jesus e apontam-nos as características fundamentais de sua missão.

A primeira parte do texto já nos causa certa surpresa. Jesus chama um coletor de impostos, um publicano, para segui-lo; ou seja, um pecador. Ele contribuía para a injustiça social e econômica praticada pelo Império Romano. Era uma posição social malvista pelos judeus, pois, muitas vezes, era o lugar da corrupção,

da ganância e da opressão. A surpresa que um judeu sentiu ao presenciar aquela cena não deve ter passado despercebida: Jesus rompe com os critérios humanos, sociais e religiosos da época. Mateus já era um condenado do seu tempo. O Senhor chama alguém marginalizado e pecador para segui-lo, não um justo segundo a Lei.

O primeiro versículo já carrega consigo grande densidade de sentido: “Jesus viu um homem chamado Mateus, sentado na coletoria de impostos, e disse: ‘Segue-me!’. Ele se levantou e seguiu a Jesus”. O sujeito do verbo “ver” é Jesus. É o Senhor quem percebe Mateus, e nota-o em sua profissão e atividade: coletor de impostos. Na verdade, o texto quer-nos dizer que Jesus enxerga Mateus em sua realidade, particularmente naquela que era ocasião de pecado para ele. O Senhor não é ingênuo, mas sabe dos limites e das possibilidades daquele homem. Mateus está sentado, uma posição passiva e inerte – parece quase morto em sua atual condição de vida. Jesus faz-lhe um convite – “Segue-me” –, e ele se levanta e vai. O fato de Mateus levantar-se de sua posição e seguir o Senhor também deve ser sublinhado: estar levantado, ereto, erguido, de pé, será a posição do Ressuscitado, que venceu as cadeias da morte. É de pé que o Ressuscitado aparece no meio da comunidade reunida. Com esse chamado, Mateus renovou e ressignificou toda sua história; agora, de pé, “ressuscitado” para uma vida nova, seguirá a Jesus, seu Mestre e Senhor.

A segunda parte do texto é, na verdade, consequência da primeira: o chamado se prolonga em dom de comunhão, proximidade e amizade. Estão à mesa, em casa de Mateus, para uma refeição: foi preparado um banquete! Ajuntam-se ali, além dos discípulos de Jesus, muitos cobradores de impostos e pecadores. A cena é notada por alguns fariseus, conhecedores da Lei, que se outorgavam o título de justos. Cheios de maldade no coração, questionam os discípulos com base naquilo que veem. A resposta de Jesus torna-se o ápice desta

liturgia; mais uma vez, o Senhor utiliza de uma mesa de refeição para transmitir um ensinamento importante. Sua missão de chamar os pecadores, e não os justos, para participarem do Reino dos Céus se justifica pelo fato de que os primeiros, sim, carecem desse chamado – são os doentes que precisam de médico, não os sadios. Quem for realmente justo já participa, antecipadamente, do Reino.

Jesus é aquele que nos vê, nos chama e nos restaura em meio aos nossos dilemas humanos, permeados de maldade, pecados e angústias. Esse seu movimento gera em nós dom de comunhão e participação, de modo que o Senhor continua próximo a nós, amparando-nos, protegendo e socorrendo. Ele usa de misericórdia, bondade e paciência com cada um de nós.

### III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Conscientizar a assembleia presente na liturgia da importância de perseverar no caminho de fé e de obediência a Deus: em tempos de liquidez, é preciso (re)encontrar a prática do amor e da justiça, que nos conduzem ao próprio Senhor. A fé, dessa maneira, torna-se o elã vital que nos sustenta e nos revigora. Cabe-nos crer no Senhor Jesus com profundidade e sinceridade de coração, para que avistemos a salvação. É preciso dizer não a uma religião de pura externalidade, e sim a uma prática religiosa que nos converta e converta nossas estruturas, tocando nossa interioridade. Jesus é aquele que nos vê pessoalmente, nos chama e nos devolve a dignidade de sermos chamados filhos e filhas de Deus.

11º DOMINGO DO TEMPO COMUM

14 de junho

## Nós somos o povo e o rebanho do Senhor

### I. INTRODUÇÃO GERAL

O domingo sempre será o dia privilegiado do cristão, pois nele celebramos a Páscoa

semanal de nosso Senhor. Por isso, é o dia da reunião da comunidade, em torno da Palavra e da Eucaristia, em memória da ressurreição de Cristo. Neste 11º Domingo do Tempo Comum, desejamos, mais uma vez, realizar essa experiência de proximidade e de encontro com Deus.

Nesta liturgia, podemos considerar que o refrão do texto dos Salmos sintetiza todo o mistério celebrativo: “Nós somos o povo e o rebanho do Senhor” (Sl 99). Esse refrão, na verdade, é a tomada de consciência do povo da Escritura – mas também de cada um de nós, no agora de nossa vida – de que fazemos parte do povo de Deus, de que Ele olha por nós e se aproxima, repleto de amor e misericórdia, para nos libertar do pecado e nos salvar do poder da morte.

Na primeira leitura, o povo libertado da escravidão do Egito começa a caminhar no deserto da purificação. Deus continua a guiá-lo e orientá-lo, ressaltando o poder da aliança e da escuta da sua voz. A segunda leitura tem como grande temática a justificação, que é, na verdade, o modo pelo qual Deus nos reconciliou com ele mesmo por meio da ação do Filho, Jesus. Por fim, no Evangelho, Jesus chama o grupo dos doze, constituindo o novo povo de Deus, fundado sob a herança de Israel. Seus discípulos recebem do Mestre autoridade para realizarem, em sua missão, ações parecidas com as do próprio Jesus.

Que, na vivência desta liturgia dominical, possamos fazer esta experiência que nos é proposta: termos a consciência de que somos o povo e o rebanho do Senhor, de que ele nos ama incondicionalmente e está sempre próximo a nós, guiando-nos e protegendo em nossas maiores angústias e necessidades.

## II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

### 1. I leitura (Ex 19,2-6a)

O trecho do livro do Êxodo coloca-nos diante do anúncio da eleição e da aliança de

# IGREJA EM SAÍDA SINODAL PARA AS PERIFERIAS

REFLEXÕES SOBRE A I ASSEMBLEIA ECLESIAL DA AMÉRICA LATINA E DO CARIBE

Geraldo Luiz de Mori /  
Francisco de Aquino Júnior (orgs.)



Versão  
E-Book

A Assembleia Eclesial da América Latina e do Caribe, que aconteceu entre 21 e 28/11/2021, em Guadalupe, México, reunindo ao redor de 100 pessoas presencialmente e mais de 900 pelas plataformas digitais, foi um passo importante no caminho sinodal proposto pelo papa Francisco como método para uma reforma da Igreja em seu conjunto.



**ADQUIRA  
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000  
0800 016 40 11

[loja.paulus.com.br](http://loja.paulus.com.br)

Deus com o povo. Na verdade, Israel já foi libertado das mãos do faraó do Egito. Agora, no deserto, os libertos se aproximam do monte Sinai, lugar em que Deus anuncia a Moisés a eleição do povo e a conclusão da aliança. O texto deste domingo tem a função de ser como que um “prólogo” daquilo que se desenvolverá posteriormente. A ideia que perpassa todo o bloco é que o povo necessita deixar-se purificar e iluminar por Deus. O deserto se caracterizará por ser tempo de libertar a mente e o coração de quaisquer estruturas de escravidão, pecado e morte. Somente um povo liberto poderá habitar, plenamente, na terra de liberdade, terra da promessa divina.

Moisés sobe à montanha para se encontrar com Deus. Chama-nos a atenção que, antes mesmo de transmitir um ensinamento ao grande líder ou ao povo, o Senhor faz memória de quem Ele é e do que já fez em favor de Israel: “Vistes o que fiz aos egípcios, e como vos levei sobre asas de águia e vos trouxe a mim” (v. 4). Deus rememora os grandes feitos do passado, como agiu com mão poderosa em favor da libertação do povo. O Senhor trouxe Israel até os pés da montanha sagrada, o Sinai, para ratificar tanto sua eleição quanto a aliança e renovar a promessa da posse da terra que mana leite e mel.

Consciente disso, o povo continua a ouvir o Senhor. Nos v. 5-6a, Deus apresenta ao povo sua responsabilidade em todo esse processo existencial e espiritual: ouvir sua voz e guardar sua aliança. É preciso, pois, permanecer junto a Deus, pois é ele quem conduz todo o processo libertador/salvador de Israel, que se iniciou lá atrás, no Egito, e desembocará na posse da terra. Escutar a voz do Senhor é sinônimo de fidelidade, consciência e compromisso com ele. Quando o povo se distancia da proposta divina, dá espaço para que o mal, o pecado e a morte participem de sua realidade. Podemos dizer que, nesse trecho, Deus quer despertar todo o Israel para a seguinte conscientização:

ele é seu povo e seu rebanho, nação santa e sacerdotal.

## 2. II leitura (Rm 5,6-11)

A carta de São Paulo aos Romanos é a mais teológica e sistemática entre todos os escritos paulinos. Foi redigida, possivelmente, em Corinto, entre os anos 55 e 60 d.C. Em síntese, objetiva apresentar, de forma clara e distinta, o Evangelho da salvação anunciado por Jesus Cristo, Filho de Deus encarnado, que justifica o ser humano pela fé – e não pela observância da Lei – e o insere numa vida renovada por meio do Espírito Santo. Nessa carta, sobressai o tema da justificação. A justiça de Deus não é punitiva, mas é ação salvadora que faz que o pecador se torne justo. Dessa forma, a justificação é um dom gratuito, imerecido e incondicional; portanto, não é resultado de méritos humanos ou de práticas puramente exteriores.

O último versículo do trecho da segunda leitura proposta para esta liturgia sintetiza, de modo claro, a reflexão do apóstolo: “Nós nos gloriamos em Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo. É por ele que, já desde o tempo presente, recebemos a reconciliação” (v. 11). Nossa fé está em Deus: por intermédio de Jesus, fomos reconciliados, ou seja, justificados. Antes do tempo da justificação, eramos ainda, segundo o texto, fracos (v. 6a), ímpios (v. 6b), pecadores (v. 8b) e inimigos de Deus (v. 10a). Na plenitude dos tempos, podemos pensar qual a novidade trazida pelo Senhor a nós. Com a morte e ressurreição de Cristo, Deus Pai nos reconciliou com ele: fez-nos justos (v. 7b), salvou-nos (10c), redimiu-nos e reconciliou-nos (v. 11c). Por isso, cumpre nos esforçarmos para viver à altura da dignidade à qual fomos chamados.

## 3. Evangelho (Mt 9,36-10,8)

O trecho do Evangelho proposto para esta liturgia pode ser dividido ao menos em três partes: a primeira, sobre a compaixão de Jesus

e a missão; a segunda, sobre a escolha daqueles que comporão o grupo dos doze; e a terceira, em que o Senhor transmite algumas instruções missionárias àqueles que ele mesmo chamou. Vejamos cada uma dessas partes com mais detalhes.

Na primeira parte do texto, Jesus vê a multidão e move-se de compaixão por ela. O povo estava cansado e abatido, como ovelhas que não têm pastor. Por um lado, o povo parece disperso; por outro, tem vontade de se encontrar verdadeiramente com Deus. O olhar de Jesus para as pessoas sempre será repleto de compaixão, ternura e afeto. Por isso, deseja fazer-lhes algo. Diante das muitas exigências e desafios da missão, Jesus fala da grandeza da messe e da escassez de trabalhadores. É preciso rezar a Deus e pedir-lhe mais pessoas que cooperem na messe. Dessa forma, a missão destas será de reunir o povo de Deus disperso para o Reino dos Céus, que vem ao nosso encontro.

Depois, na segunda parte do trecho evangélico, vemos o chamado dos doze discípulos. Jesus os escolhe e os envia em missão, o que significa a formação, ou melhor, a restauração do povo de Deus, constituído sob a herança das doze tribos de Israel. Segundo o texto, Jesus “deu-lhes poder para expulsarem os espíritos maus e para curarem todo tipo de doença e enfermidade” (Mt 10,1b). A ação dos discípulos se assemelha à ação do próprio Mestre: eles serão sinal da presença de Deus, que restaura e renova tanto Israel (durante a vida de Jesus) quanto todas as nações (após a morte e ressurreição do Senhor). É listado, nessa oportunidade, o nome de todos aqueles que foram escolhidos pelo Senhor.

Por fim, na terceira e última parte do Evangelho, encontramos-nos com o Senhor, que instrui seus discípulos e lhes dá recomendações para a missão. A expressão “não deveis ir aonde moram os pagãos” (v. 5b) significa que, no tempo da vida de Jesus, seus escolhidos direcionarão seus esforços para o povo de Israel: “Ide, antes, às ovelhas perdidas da casa

de Israel” (v. 6a). A missão atingirá sua universalidade – até os confins da terra – a partir do evento da paixão, morte e ressurreição de Cristo. O conteúdo do anúncio missionário sempre será a proximidade do Reino dos Céus e será testemunhado pelos sinais realizados: a cura dos doentes, a ressurreição dos mortos, a purificação dos estigmatizados como “leprosos” e a expulsão dos demônios (v. 8).

### III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Despertar na comunidade a consciência de que somos o povo e o rebanho do Senhor. Salientar como Deus age em nosso favor, libertando-nos e salvando-nos de realidades físicas e, principalmente, espirituais. Dar centralidade à pessoa de Jesus Cristo, como aquele que nos justifica diante do Pai. Contribuir para que a comunidade sinta e compreenda que o Senhor sempre nos observa com olhar compassivo, terno e misericordioso.

12º DOMINGO DO TEMPO COMUM

21 de junho

## A perseguição

### I. INTRODUÇÃO GERAL

O dia do Senhor é ocasião especial para a reunião da comunidade em torno da Palavra e da Eucaristia, em memória da ressurreição de Cristo. O domingo sempre será o dia privilegiado do cristão, tendo em vista que foi no primeiro dia da semana que o Senhor ressuscitou – esse é o evento fundador de nossa fé. Em linhas gerais, a liturgia do 12º Domingo do Tempo Comum tem como temática destacada a perseguição.

No Evangelho segundo São Mateus, no Sermão da montanha, a perseguição é considerada uma bem-aventurança: “Bem-aventurados sois vós quando vos injuriarem e perseguirem [...]” (Mt 5,11a). Em outra oportunidade, Jesus alerta seus discípulos de que, se ele mesmo foi perseguido, eles também o serão (Jo 15,20).

É importante notar que perseguição é diferente de sofrimento. Este é inato à condição humana: sofremos porque provamos do mal e do pecado, de situações-limite, de nossa fragilidade e vulnerabilidade. A perseguição, por sua vez, possui uma nuance diferente: os justos é que são os perseguidos, precisamente por carregarem consigo a virtude da justiça. Jesus, o Justo do Pai, incorporará esse papel: perseguido, assumirá a imagem do Servo do Senhor e levará essa missão até as últimas consequências.

Tanto a primeira leitura quanto o Evangelho se enquadram nessa lógica. O texto de Jeremias mostra-nos a figura do profeta, que, de um lado, está seduzido por Deus e, de outro, está sendo perseguido pelos ímpios, injustos e maldosos de seu tempo. Já o trecho do Evangelho, estruturado pela tríplice repetição “não tendes medo”, é constituído pelas recomendações de Jesus para a missão, conscientizando seus discípulos de que as perseguições integram esse caminho. É preciso, pois, confiarmos em Deus.

## II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

### 1. I leitura (Jr 20,10-13)

A obra de Jeremias, no Antigo Testamento, expressa-se mormente pela sua densidade teológica e riqueza espiritual. O profeta está situado entre os séculos VII e VI a.C., um dos períodos mais críticos da história do povo: o colapso de Judá e a destruição da cidade santa, Jerusalém. Sua missão profética está, portanto, atrelada à decadência política, à infidelidade religiosa e à iminente catástrofe nacional. Sendo sinal vivo da aliança de Deus com o povo, o profeta é voz de esperança diante de tantas situações difíceis e desafiadoras.

O trecho proposto para esta liturgia (Jr 20,10-13) vem logo em seguida de uma dolorosa experiência do profeta. Ele foi preso e açoitado por Fassur, o superintendente do templo, em razão de suas profecias. Jeremias está humilhado, isolado, ridicularizado; está

se sentindo traído e cercado – o profeta se reveste da imagem do justo perseguido. O comentário “talvez ele cometa um engano e nós poderemos apanhá-lo e desforrar-nos dele” (v. 10c) provém dos ímpios que o observam, tramam e arquitetam a maldade. “Denunciai-o, denunciemo-lo” (v. 10b) é expressão indicativa de que a bondade, a justiça e a prática do bem serão alvos de perseguições, maquinações e sofrimentos. Jeremias assume o paradoxo do profetismo: ser portador da Palavra de Deus é também carregar o peso da incompreensão e da rejeição da parte de muitos.

Contudo, o texto não termina por aqui. Há uma virada de perspectiva, ocasionada pela fé. Diz-nos o texto: “Mas o Senhor está ao meu lado, como forte guerreiro; por isso, os que me perseguem cairão vencidos” (v. 11a). Todo o cenário de crise, perseguição e desespero não é ocasião para que o profeta sucumba. Ele dá um salto na fé, pois confia plenamente em Deus. O Senhor combate em favor do justo, a justiça divina triunfará. Dessa forma, entendemos também que a fé não é a ausência de conflitos e dificuldades, mas a capacidade de esperar, confiar e acreditar, apesar deles.

### 2. II leitura (Rm 5,12-15)

O texto da carta aos Romanos proposto nesta liturgia se distancia um pouco da temática da perseguição, tratada especificamente pelo profeta Jeremias e pelo evangelista Mateus. Contudo, o trecho dessa segunda leitura traz uma reflexão importante que nos edifica na fé e nos fortalece na missão. O apóstolo deseja ratificar que Cristo é a imagem do homem novo, o primeiro e iniciador de uma nova humanidade.

Para tanto, São Paulo estabelecerá um paralelo significativo entre o primeiro homem, Adão, e o novo homem, Cristo Jesus. Diz-nos o texto: “O pecado entrou no mundo por um só homem” (v. 12a). Ao trazer-nos a

imagem do primeiro ser vivente, o apóstolo retoma a temática da desobediência, tratada nos primeiros capítulos do livro do Gênesis. Pela desobediência, a humanidade foi marcada, de uma vez por todas, pela realidade do pecado. E foi pelo pecado que a morte entrou no mundo. No entanto, com Jesus, o Filho unigênito do Pai, toda a humanidade pode contemplar a graça e a salvação divinas. Pelo seu sangue derramado na cruz, Jesus reconciliou-nos e justificou-nos com Deus e abriu-nos um novo tempo e uma nova esperança.

A comparação feita pelo apóstolo atinge seu ápice no v. 15b: “A transgressão de um só levou a multidão humana à morte, mas foi de modo bem superior que a graça de Deus, ou seja, o dom gratuito concedido através de um só homem, Jesus Cristo, se derramou em abundância sobre todos”. Destaca-se Jesus como novo Adão, aquele que, de modo superior, fez que o dom de Deus, sua graça e sua bênção, fosse derramado sobre todos nós. Se em Adão nós pecamos, em Cristo somos justificados.

### 3. Evangelho (Mt 10,26-33)

O texto evangélico proclamado nesta liturgia leva à plenitude a temática do justo perseguido, lançada pela primeira leitura, de Jeremias. Na verdade, as palavras de Jesus dirigidas hoje aos seus discípulos são um convite para que continuem a testemunhar intrepidamente e sem medo o Evangelho que liberta e salva a todos, numa expressão de confiança total em Deus.

O trecho apresenta uma coerência fácil de ser percebida: depois de transmitir aos seus discípulos sua autoridade, Jesus lhes fala dos sofrimentos e das perseguições que deverão enfrentar. Podemos, a propósito, fazer um paralelo com outra passagem bíblica: “O servo não é maior do que seu senhor. Se me perseguiram a mim, também hão de perseguir-vos [...]” (Jo 15,20). Dessa forma, entendemos

# DOM HELDER CÂMARA

PROFETA PARA OS NOSSOS DIAS

Marcelo Barros



Versão E-Book

“Não deixe cair a profecia!” Essa foi a última palavra que Dom Helder Câmara, já nos seus últimos dias de vida, disse a Marcelo Barros, monge que há muitos anos o assessorava para assuntos ecumênicos. Este livro foi escrito como um modo de cumprir aquele pedido.



**ADQUIRA  
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000  
0800 016 40 11

[loja.paulus.com.br](http://loja.paulus.com.br)

que o caminho discipular jamais será uma via de benesses, privilégios ou reconhecimentos; pelo contrário, será um caminho de incompreensões, angústias, sofrimentos e perseguições.

O texto é estruturado em torno da tríplice expressão “não tenhais medo” (v. 26a; 28a; 31a) – convite à perseverança na fé e à confiança filial. Primeiramente, os discípulos são convocados para a dimensão do anúncio: “o que escutais ao pé do ouvido, proclamai-o sobre os telhados!” (v. 27b). A missão apostólica não deve recuar por medo de anunciar a Palavra de Deus em realidades desafiadoras. Nada ficará encoberto; pelo contrário, tudo será revelado. Em seguida, Jesus os encoraja em relação às perseguições. Os ímpios, injustos, maldosos e pecadores podem matar o corpo, mas não a alma. O Mestre salienta que a perseverança deve fazer parte do caminho do discípulo, de modo que não deverão temer as realidades que causam “prejuízo” de ordem material ou corporal. Pelo contrário, deve-se temer as realidades que nos afastam da presença de Deus e nos desviam de sua eternidade. O alerta é um indicativo também de que as perseguições nos purificam e nos renovam, de modo que nos elevam até mais próximo de Deus. Por fim, o texto termina com uma promessa, permeada de esperança e confiança em Deus. Aqueles que testemunharem, com fé, solicitude e confiança, o Evangelho de Jesus entre as pessoas serão contados, diante de Deus, entre os justos que assumiram o compromisso e a responsabilidade da missão.

### III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Levar a comunidade a refletir sobre a lógica proposta nesta liturgia: o justo não é aquele isento de desafios e dificuldades; pelo contrário, assumindo sua condição, mostra-se perseverante no caminho de fé, de anúncio e de testemunho da Boa-nova. Despertar as consciências sobre o fato de que a prática do

bem é algo inegociável, ainda que, por causa dela, sejamos perseguidos, com sofrimentos e injustiças.

SÃO PEDRO E SÃO PAULO

28 de junho

## Pedro e Paulo, colunas da Igreja

### I. INTRODUÇÃO GERAL

Neste dia, celebramos, jubilosos, dois pilares de nossa fé e de nossa Igreja, os santos apóstolos Pedro e Paulo. Ambos, de maneiras e caminhos diferentes, congregaram a única família de Cristo. Por serem coroados pela mesma fé e pelo mesmo martírio, recebem, nesta liturgia, igual veneração e glória.

Simão Pedro era pescador em Betsaida. Foi André, seu irmão, que lhe comunicou a Boa Notícia (“Encontramos o Messias”) e o conduziu até Jesus (Jo 1,40-42). Mais tarde, Pedro deixa Betsaida e estabelece-se em Cafarnaum (Mc 1,21.29). O Senhor vai até a casa de sua sogra e a cura (Mc 1,29-31). Pedro é o personagem principal da pesca milagrosa (Lc 5,1-11). Em Cesareia de Filipe, ele confessa a fé em Jesus como o Cristo, Filho do Deus vivo. Está na transfiguração, no monte (Mc 9,2-8), e contempla a face gloriosa do Cristo. Depois, é uma das primeiras testemunhas da ressurreição: vê o sepulcro vazio (Jo 20,6) e presencia uma especial aparição do Ressuscitado (Lc 24,34).

Saulo, depois chamado de Paulo, é, por sua vez, considerado o apóstolo dos gentios, uma vez que anunciou Cristo a outras nações, fora do horizonte judaico. É natural de Tarso da Cilícia, atual Turquia, e é o autor de um número considerável de textos no Novo Testamento. Desfrutava de um privilégio raro: tinha cidadania tanto judaica quanto romana. Estudou em Jerusalém, aos pés do mestre fariseu Gamaliel (At 22,3). Paulo era perseguidor tanto da Igreja nascente quanto

dos primeiros cristãos. Estava presente na morte de Estêvão, o primeiro mártir cristão, e a apoiou (At 7,58-8,3). Ele se converte no caminho para Damasco, quando o próprio Senhor ressuscitado lhe aparece. Trata-se de uma cena paradigmática, pois passa de perseguidor a apóstolo do Senhor.

Paulo realiza três grandes viagens missionárias e uma quarta como prisioneiro, todas narradas entre os capítulos 13 e 28 dos Atos dos Apóstolos. Em sua primeira viagem, Paulo está com Barnabé e evangeliza Chipre e uma porção da Ásia Menor. Em sua segunda viagem missionária, está com Silas e Timóteo e visita Filipos, Tessalônica, Corinto e Atenas, fundando e confirmando várias comunidades. Sua terceira viagem tem como foco a cidade de Éfeso – por lá fica mais ou menos três anos. Sua última viagem missionária é para Roma, onde será martirizado; o apóstolo vai como prisioneiro.

Que pela intercessão de ambos, Pedro e Paulo, os santos apóstolos da Igreja, possamos permanecer perseverantes na fé e na fidelidade a Cristo.

## II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

### 1. I leitura (At 12,1-11)

O livro dos Atos dos Apóstolos é a segunda parte de uma grande obra de Lucas – a primeira parte é o texto evangélico que recebe seu nome. Poderia ser chamado também de Atos de Pedro e Paulo, devido ao protagonismo que os dois apóstolos recebem nesse escrito. Encontramo-nos, desse modo, com a parte da história da salvação que sucede à morte e ressurreição de Jesus: o que aconteceu com os seguidores do Senhor; como rezavam e como faziam memória de sua Páscoa; como as primeiras comunidades surgiram e como se organizavam, por exemplo.

O trecho proposto a nós nesta liturgia, em linhas gerais, fala-nos do martírio de Tiago Maior e da libertação de Pedro. A Igreja

nascente vive tempos de perseguição, medo e violência. O rei Herodes Agripa mira a comunidade de Jerusalém e mata Tiago Maior, o responsável por aquela Igreja – desse modo, entendemos que a vida e a morte de Cristo se refletem no caminho de seus seguidores.

Pedro é preso nessa mesma cena. Chamamos a atenção o fato de que “a Igreja rezava continuamente a Deus por ele” (v. 5). A comunidade que reza por um de seus membros expressa, também, o sinal de unidade, o vínculo de comunhão e a força da oração.

### 2. II leitura (2Tm 4,6-8.17-18)

O texto da segunda leitura, tirado da segunda carta a Timóteo, é composto de duas partes principais, a saber: o testamento espiritual do apóstolo Paulo e algumas recomendações finais e saudações. Nesse livro, Paulo demonstra já estar em idade avançada – “Quanto a mim, eu já estou para ser derramado em sacrifício; aproxima-se o momento de minha partida” (v. 6) – e transmite ao seu jovem sucessor, Timóteo, tesouros espirituais confiados por Deus a ele.

Na primeira parte do trecho, é importante ressaltar a consciência do apóstolo sobre sua vida e ministério: “Combati o bom combate, completei a corrida, guardei a fé” (v. 7). Paulo enfrentou inúmeras situações de conflito, violência e perseguição, por exemplo, mas permaneceu fiel ao chamado do Senhor, foi guardião e defensor da fé recebida, além de grande anunciador e testemunha do Evangelho de Jesus. Sentindo as forças esmorecer, deseja que Timóteo dê continuidade à missão.

Chamamos ainda a atenção o v. 8, que pode ser lido em chave escatológica. Algumas palavras e expressões nos saltam aos olhos: “coroa da justiça”, “justo juiz”, “naquele dia”, “todos os que esperam sua manifestação gloriosa”. Paulo é consciente de que sua vida não findará com a morte; ele está com os olhos, a mente e o coração voltados para as realidades últimas e

definitivas, ao seu destino final, à plenitude da história. Deus se manifestará gloriosamente para nos salvar em seu amor e misericórdia.

Já na segunda parte do texto, o apóstolo apresenta algumas informações de cunho pessoal. Paulo, na verdade, foi um grande imitador de seu Mestre, Jesus Cristo. O Senhor foi seu refúgio, proteção e fortaleza em todos os momentos, também nos mais difíceis de sua vida e ministério. Ele fez o Evangelho ressoar a todas as nações – cumprindo o mandato de Jesus à Igreja nascente, por ocasião de sua ascensão: “Vós sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia, Samaria e até os confins do mundo” (At 1,8). A mensagem cristã de salvação tem alcance universal, e Paulo tem papel decisivo nessa empreitada.

### 3. Evangelho (Mt 16,13-19)

O Evangelho que escutamos, segundo São Mateus, radica-se essencialmente na profissão de fé efetuada por Pedro. O chefe do grupo apostólico reconhece a messianidade de Jesus; por isso, será pedra de arrimo, encosto e suporte para seus irmãos. O trecho de hoje é precedido pelas querelas suscitadas pelos judeus, principalmente fariseus e saduceus. Num cenário de incredulidade, desconfiança e maldade, Pedro, na expressão de sua fé, traz luz, clareza e discernimento a toda essa situação.

Inicialmente, Jesus questiona seus discípulos sobre a opinião das pessoas sobre ele. Melhor dizendo, deseja saber quem as pessoas acham que ele é. Está em jogo a identidade de Jesus. E parece que a resposta ganha ares de imprecisão: “Alguns dizem que é João Batista; outros, que é Elias; outros ainda, que é Jeremias ou algum dos profetas” (v. 14). O texto não nos dá essa informação, mas parece que Jesus fica, de certo modo, insatisfeito com a resposta. Voltando-se ao grupo dos doze, dirige-lhes a mesma pergunta: “E vós, quem dizeis que eu sou?” (v. 15). Simão Pedro

toma a palavra e faz bela e profunda profissão de fé, paradigmática para esse texto evangélico, de modo específico, mas para todo o povo cristão, de modo geral: “Tu és o Messias, o Filho do Deus vivo”.

Pedro reconhece em Jesus sua esperança de vida e salvação; não só dele, mas de todo Israel. Jesus é o Messias aguardado e esperado pelo povo veterotestamentário, e anunciado como promessa pelos profetas. É o Cristo, o Messias, nosso salvador/libertador. A expressão de Pedro é um dos focos deste texto, mas a resposta de Jesus também é digna de atenção. O Senhor proclama-o bem-aventurado, pois a origem dessa sua profissão de fé não está assentada em acúmulos de conhecimento ou de elocubrações racionais: “Não foi um ser humano que te revelou isso, mas o meu Pai que está no céu” (v. 17b). É somente com as lentes da fé que o verdadeiro discípulo de Jesus o reconhecerá como seu Senhor e Salvador.

Desse diálogo vem uma missão. Pedro recebe o primado do grupo apostólico, tornando-se o chefe dos doze. Pedro, que quer dizer “pedra”, será como que um arrimo para a Igreja nascente. Além disso, recebe o poder das chaves do próprio Jesus: “Tudo o que ligares na terra será ligado nos céus; tudo o que desligares na terra será desligado nos céus” (v. 19).

### III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Levar a comunidade a refletir sobre a fé, vivida com perseverança, constância, autenticidade e verdade. Apresentar-lhe o martírio como caminho que a fé alcança até as últimas consequências. Destacar a figura dos apóstolos Pedro e Paulo como modelo e exemplo para todos nós. Propor à comunidade, especialmente hoje, a oração pelo Santo Padre, o papa, sucessor de Pedro. Suscitar em todos o desejo de que o ardor missionário, a exemplo de Paulo, possa sempre integrar nosso caminho de vida e de fé.

# A SABEDORIA DE FRANCISCO EM DOIS CAMINHOS: sua história e seus escritos fundamentais

A **VIA MESTRA** aproxima você da trajetória de Francisco e de sua maneira de enxergar o mundo com misericórdia.

**DOCUMENTOS DO PAPA FRANCISCO** reúne textos essenciais que expressam sua visão de Igreja, sua paixão pelos pobres e seu apelo constante a uma fé mais alegre e comprometida.



**DOIS LIVROS QUE,  
JUNTOS, ILUMINAM A  
ALMA E DESPERTAM  
PARA A MISSÃO.**



loja.paulus.com.br  
(11) 3789-4000 | 0800 016 40 11  
vendas@paulus.com.br  
f @editorapaulus



**COMPRE  
AGORA**

# Decolonizar a Palestina

a terra, o povo, a Bíblia



Mergulhe nesta história que aborda a profunda conexão entre a fé, o povo e a terra que viu os passos de Jesus.



loja.paulus.com.br  
(11) 3789-4000 | 0800 016 40 11  
vendas@paulus.com.br  
f @ @ @ @editorapaulus

